Biblioteca Mauricio de Sousa

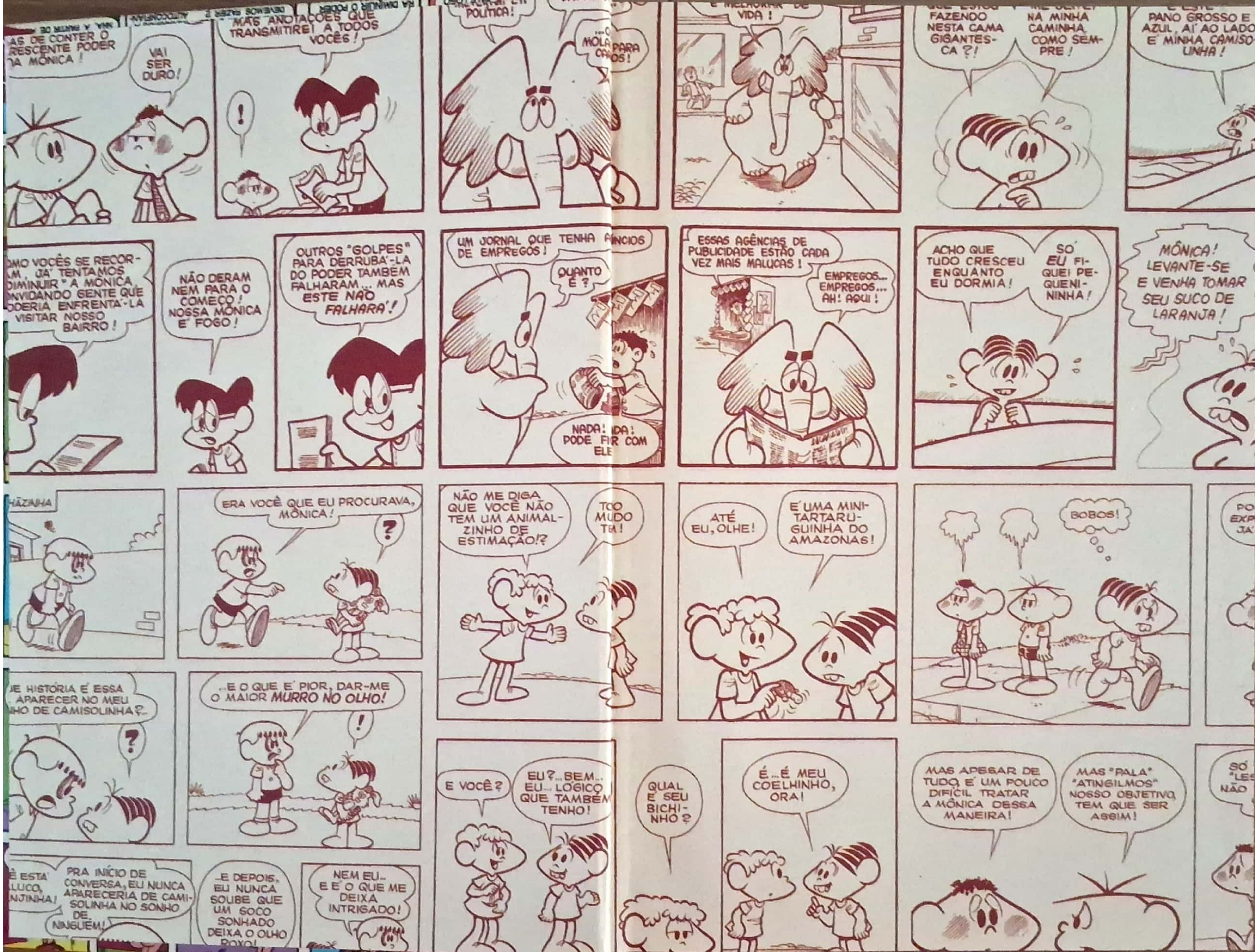
Mônica

1970

MAURICIO

MAURICIO DE SOUSA EDITORA

PANINI COMICS


MAS ANOTAÇÕES QUE TRANSMITIREI A TODOS VOCÊS!
VAI SER DURO!
!
POLÍTICA!
VIDA!
FAZENDO NESTA CAMA GIGANTES-CA?!
NA MINHA CAMINHA, COMO SEM-PRE!
PANO GROSSO E AZUL, AÍ AO LADO, É MINHA CAMISO-LINHA!
NÃO DERAM NEM PARA O COMEÇO! NOSSA MÔNICA É FOGO!
OUTROS "GOLPES" PARA DERRUBÁ-LA DO PODER TAMBÉM FALHARAM... MAS ESTE NÃO FALHARÁ!
DE EMPREGOS!
QUANTO É?
ESSAS AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE ESTÃO CADA VEZ MAIS MALUCAS!
EMPREGOS... EMPREGOS... AH! AQUI!
ACHO QUE TUDO CRESCEU ENQUANTO EU DORMIA!
SÓ EU FIQUEI PEQUENINHA!
MÔNICA! LEVANTE-SE E VENHA TOMAR SEU SUCO DE LARANJA!
ERA VOCÊ QUE EU PROCURAVA, MÔNICA!
?
NÃO ME DIGA QUE VOCÊ NÃO TEM UM ANIMALZINHO DE ESTIMAÇÃO!?
ATÉ EU, OLHE!
É UMA MINI-TARTARUGUINHA DO AMAZONAS!
BOBOS!
?
...E O QUE É PIOR, DAR-ME O MAIOR MURRO NO OLHO!
!
E VOCÊ?
EU?...BEM... EU... LÓGICO QUE TAMBÉM TENHO!
QUAL É SEU BICHINHO?
É...É MEU COELHINHO, ORA!
MAS APESAR DE TUDO, É UM POUCO DIFÍCIL TRATAR A MÔNICA DESSA MANEIRA!
MAS "PALA" "ATINGILMOS" NOSSO OBJETIVO, TEM QUE SER ASSIM!
PRA INÍCIO DE CONVERSA, EU NUNCA APARECERIA DE CAMISOLINHA NO SONHO DE NINGUÉM!
...E DEPOIS, EU NUNCA SOUBE QUE UM SOCO SONHADO DEIXA O OLHO ROXO!
NEM EU... E É O QUE ME DEIXA INTRIGADO!

Biblioteca Mauricio de Sousa

Mônica

1970

Mauricio de Sousa Editora

Panini Comics

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Ana Lúcia Merege 4667/CRB-7)

Sousa, Mauricio de
Biblioteca Mauricio de Sousa : Mônica vol. 1 : 1970 / Mauricio de Sousa. – Barueri, SP : Panini Brasil, 2022.

ISBN 978-65-5982-088-7 (Capa dura)

1. Histórias em quadrinhos   I. Título

CDD 741.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Histórias em quadrinhos   741.5

Mônica
VOL. 1 - 1970

PANINI COMICS

PANINI GROUP
CEO América Latina: Ivam Faria
Diretor de Publicação e Licenciamento: Marco M. Lupoi
PANINI BRASIL LTDA.
Diretora de Marketing e Editorial, Colecionáveis e Publicações: Martina Limoni
Diretor Administrativo e Financeiro: Fábio Trigo Martins
Diretor de Distribuição: Gilberto Finotto Gil
EDITORIAL
Editores: Tatiana Josefovich e Tiago P. Zanetic
Auxiliar Administrativo: Bruna Tiemi Okubo
MARKETING, COMERCIAL, PLANEJAMENTO E CONTROLE DE PRODUÇÃO
Analista de Marketing Sênior: Rafaela Febronio
Publicidade: comercial@panini.com.br
Assessoria de Imprensa: assessoriadeimprensa@panini.com.br
Coordenador de Inteligência Comercial: Rodrigo Felipe Lucizano
Gerente Industrial: Edson Aprijo de Farias
Gerente de Distribuição: Genésio Cruz Oliveira Jr.

Este livro foi impresso pela **DuoGraf**.
Distribuída em todo o país por **Panini Brasil Ltda.**

Biblioteca Mauricio de Sousa - Mônica vol. 1 - 1970 é uma publicação da Panini Brasil Ltda. **Administração, Redação e Publicidade:** Alameda Caiapós, 425 - Centro Empresarial Tamboré - CEP 06460-110 - Barueri - SP - Brasil. © 2022, 2023 Mauricio de Sousa e Mauricio de Sousa Produções Ltda., todos os direitos reservados - www.turmadamonica.com.br. Direitos desta edição no Brasil e em Portugal reservados à Panini Brasil Ltda. As histórias, personagens e nomes apresentados nesta revista, bem como suas distintas semelhanças, salvo quando indicado, são propriedades da Mauricio de Sousa Produções e publicados sob sua licença. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização dos editores.

MAURICIO DE SOUSA EDITORA

Estúdios Mauricio de Sousa
Presidente: Mauricio de Sousa
Diretoria Executiva: Alice K. Takeda, Mauro Takeda e Sousa, Mônica S. e Sousa.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
Diretora Executiva: Alice K. Takeda.
Supervisão de Roteiros: Mauricio de Sousa, Marina Takeda e Sousa.
Diretor de Arte: Wagner Bonilla.
Histórias criadas e produzidas nos Estúdios Mauricio de Sousa.
Assistente de Arte: Gerson Campos.
Coordenação Administrativa do Estúdio: Emerson Agune, Maria Aparecida Rabello, Maria de Fátima A. Claro.
Revisão de textos: Daniela Gomes Furlan, Ivana Mello, Leonardo Cedran.
COMERCIAL
Diretora Executiva: Mônica S. e Sousa - monica.sousa@turmadamonica.com.br
Diretor de Licenciamento: Rodrigo Paiva
Coordenação Comercial e Editorial: Tatiane Comlosi
Animação: Diretor: José Márcio Nicolosi
Projetos Especiais: Abel Mesquita Zambom
Digital e Audiovisual: Marcos S. e S. Saraiva
Teatro: Diretor: Mauro Takeda e Sousa. Tel.: (11) 3613-5031
Exposições: Jacqueline Mouradian
Depto. Jurídico: Dr. Valquensir Tayano Jr.
Comunicação Integrada: Coordenação: Ivana Mello.
Assistentes: Daniela Gomes Furlan, Janaina Prado, Leonardo Cedran, Paulo Amarante, Therezinha S. Branco. Tel.: (11) 3613-5055.
Supervisão Geral: Mauricio de Sousa, Membro da Academia Paulista de Letras.
Instituto Mauricio de Sousa: instituto@institutomauriciodesousa.org.br
Estúdios Mauricio de Sousa:
www.turmadamonica.com.br
msp@turmadamonica.com.br
Rua Werner Von Siemens, 111
Prédio 19 - Espaço 1,
Lapa de Baixo - São Paulo - SP
05069-900 - Tel.: (11) 3613-5000
© 2022, 2023 Mauricio de Sousa Produções.
Todos os direitos reservados.
www.assinemonica.com.br
atendimento.turmadamonica@panini.com.br

FSC www.fsc.org
MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C119624

Esta obra é uma ficção. Reiteramos que o objetivo desta não é o de promover a discriminação de qualquer classe e espécie. Mas, ocasionalmente, ela pode apresentar representações negativas e tratamentos inapropriados de pessoas ou culturas, coisas de outros tempos, felizmente abandonadas. Devido ao valor histórico deste material, todas as expressões usadas na época e retratadas aqui foram mantidas em respeito ao autor, levando-se em consideração o contexto da época. Inclusive como forma de aprender com essas situações, para não repeti-las. Por isso, nesses casos, adicionamos notas de rodapé sinalizando as situações problemáticas. Felizmente, o mundo evoluiu e erros assim não são mais cometidos nos materiais da MSP, que busca sempre por conteúdos cada vez mais repletos de diversidade e inclusão.

SUMÁRIO

Revisitando meus tesouros 7

Mônica #1 9

Mônica é daltônica? 10

O cachorro falante 22

O amor da Rita 30

O soro da invisibilidade 37

A corrida 48

Cascão não quer sabão 55

Mônica #2 67

Um elefante incomoda muita gente 68

Mônica 81

A história do Horácio 82

Quem conta um conto 85

Mônica 91

O melhor inimigo do homem 92

Cascão 104

A fuga 105

A superloção 108

Mônica 114

Horácio 115

Bidu 120

A dona da rua 121

Mônica #3 129

Quem tem medo da mini-Mônica? 130

Bidu 143

Mônica 146

Horácio 147

Mônica menina-moça 155

A fonte da juventude 160

Os caçadores de marfim 168

Mônica 171

Mônica porta-bandeira 172

Piteco 176

A invasão dos discos 178

Mônica #4 189

Os perigos da noite 190

Os complexos do Tarugo 201

Horácio 205

O capacete espacial 208

Bidu 214

A goiabeira 217

O medo da Mônica 221

Piteco e a planta falante 225

Mônica #5 247
A ameaça do coelhinho 248
Ai, que dor de dente 260
Bidu 266
A fuga 269
Deserto dos esqueletos 270
Cascão 283
O peso da Magali 284
O fóssil do Raposão 288
Quem bate? 291
Horácio 296
Papa-Capim 298
Os ladrões de gelo 299
Mônica #6 307
A ermitã 308
Bidu 324
O Astronauta e o mundo de sonho 327
Toneco 338
Joguinhos divertidos 346
O rapto do rei 347
Mônica 352
Mônica enfrenta o menino de borracha 353
Mônica #7 365
O sumiço do Cascão 366
Um passeio com o Floquinho 381
Raposão 386
Joguinhos divertidos 388
A língua do Cebolinha 389
O finado Piteco 393
Joguinhos divertidos 405
O cofre 406
Mônica 411
Viagem ao Japão 412
O anjo caído 415
Mônica #8 423
A estrelinha perdida 424
Raposão e as uvas 437
Um cão Cascão 440
Horácio 445
Horácio e os Napões 446
Tina 457
Papa-Capim 459
Bidu 460
Chi!... Esconderam os presentes! 464
O anãozinho preguiçoso 465
O caminho até Mônica #1 478
Arquivos do Mauricio 481

Revisitando meus tesouros

Desde que a primeira edição da revista *Mônica* saiu, lá em maio de 1970, ela já ganhou algumas republicações. Mas nada foi parecido com esta que você tem nas mãos!

A *Biblioteca Mauricio de Sousa* é um verdadeiro tesouro! Para os fãs e para mim também. Imagine só: compilar um ano inteiro de histórias de uma revista, num formato de luxo, de forma cronológica, com as capas e até os passatempos que meu estúdio produzia na época.

Reler as histórias que saíram naquelas oito edições de 1970 me trouxe um misto de saudade e satisfação. Porque as recordações são inevitáveis. Era o começo do meu estúdio e profissionais iam chegando aos poucos para trabalhar com meus personagens, num ambiente muito sonhador. Por isso, sou muito grato a todos que trabalharam comigo nessa trajetória de sucesso.

E a satisfação vem de reconhecer o quanto as coisas evoluíram nesse tempo. E não falo apenas dos nossos materiais, mas de mim mesmo e da sociedade, de forma geral. Por se tratar de um material de resgate histórico, tudo aqui é publicado como saiu originalmente – só o texto passou para a nova ortografia. Até para que as gerações mais novas possam entender que algumas falas e situações que antes eram consideradas normais, hoje são bastante inadequadas e erradas. E que seguimos aprendendo. Ontem, hoje e sempre.

As histórias que você lerá a seguir construíram a *Turma da Mônica* que todos conhecem hoje. Ora fazendo rir, ora emocionando, ora fazendo pensar. E saber que milhões de pessoas cresceram admirando este trabalho me enche da mais genuína alegria.

Para tornar esta *Biblioteca Mauricio de Sousa* ainda mais especial, as páginas finais de cada volume trarão uma seção recheada de curiosidades e informações sobre as revistas. Uma belezinha, para fazer qualquer um que ama os quadrinhos abrir aquele sorrisão de orelha a orelha. Tem coisas que nem eu lembrava! Cortesia dos "arqueólogos" da **MSP**, que estão sempre fuçando nos arquivos (físicos e virtuais) e redescobrindo deliciosas preciosidades do passado.

Olha, todo mundo sabe que em bibliotecas deve-se fazer silêncio, mas nesta aqui não precisa. Pode rir em alto e bom som! E falar pra mais gente sobre esta coleção linda. Afinal, assim como foi com a revista *Mônica*, em 1970, a diversão está apenas começando!

MAURICIO

O caminho até *Mônica # 1*

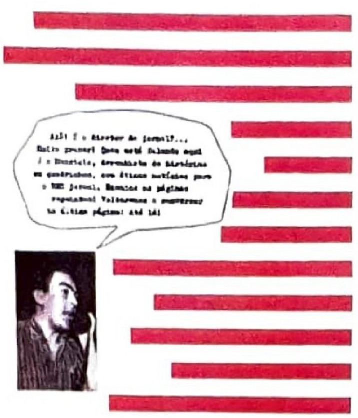
Por Sidney Gusman

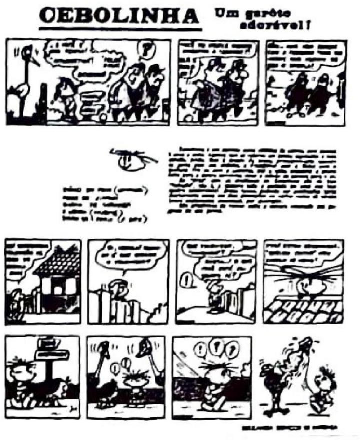
Hoje, é quase impossível alguém que curte quadrinhos ou cultura pop em geral não conhecer Mauricio de Sousa. E muito disso se deve à revista *Mônica*. Mas nem sempre foi assim. O autor teve um caminho longo e repleto de percalços, tombos e aprendizados até que se consolidasse como o principal criador de gibis do Brasil.

Após sua estreia, na *Folha da Tarde*, com uma tira vertical de Bidu e Franjinha, em 18 de julho de 1959, o então repórter policial Mauricio de Sousa resolveu mudar de ofício e perseguir seu sonho: viver de fazer quadrinhos.

O primeiro passo foi produzir diariamente tiras para a *Folha de S.Paulo*. Mas ele queria mais.

Copiando o modelo utilizado pelos *syndicates* para distribuir tiras norte-americanas para o mundo todo, Mauricio começou a espalhar sua produção para diversos periódicos do País. Para isso, enviava pelo correio para as redações um *folder* em que apresentava suas criações.





Àquela altura, já começara a ampliar seu elenco de personagens. E muitos jornais passaram a publicar suas tiras. Mauricio, no entanto, vislumbrou novas possibilidades.

Era 1960, diversas editoras publicavam quadrinhos. O terror estava em alta. Ele decidiu se arriscar no gênero: fez uma história curta, chamada *A Coisa*, e foi visitar a Continental, no bairro da Mooca, em São Paulo. Lá, foi recebido pelo português Jayme Cortez que comandava a editora.

Segundo o próprio autor, o título da história a traduzia perfeitamente. Era um material fraco. Não era o estilo em que estava acostumado a trabalhar. Cortez (que, anos depois, viria a ser diretor de arte da Mauricio de Sousa Produções) apenas atestou isso. Mas reconheceu o nome nos desenhos e em seguida perguntou: "Não é você que faz aquela tira do cachorrinho que sai no jornal?". Quando Mauricio disse que sim, ouviu: "Então, por que trazes esta m#%$@? Faça histórias do Bidu que publicaremos".

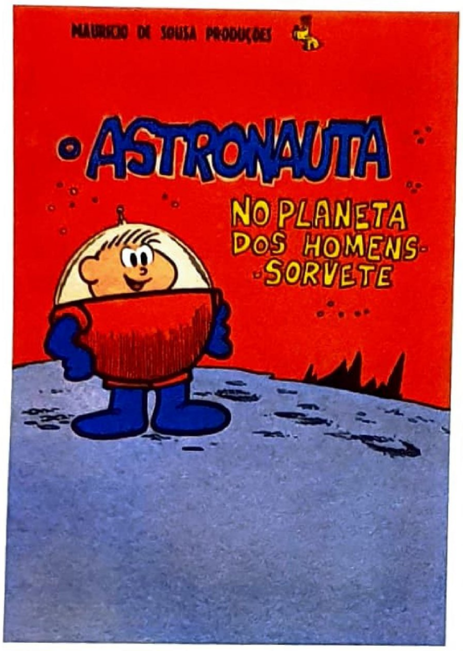
Em começo de carreira, era impossível recusar. Mauricio tentou a sorte. Além de produzir histórias curtas para a revista *Zaz Traz*, que trazia diversos autores, fez sete números inéditos da revista *Bidu*. Somando as duas, eram cerca de 30 páginas de quadrinhos por mês. Pelo valor de um salário mínimo da época.

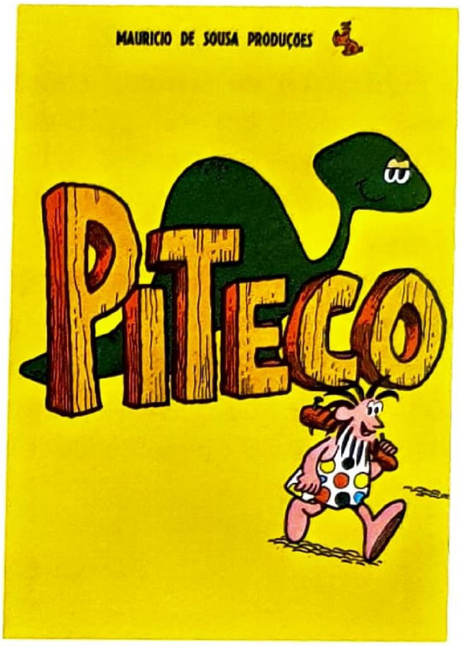
O autor fazia tudo sozinho: roteiro, desenho, arte-final e letras (sem contar a produção das tiras e as viagens para negociá-las com os jornais paulistas). Ele não aguentou a carga de trabalho, tanto que *Bidu #8* só teve republicações de aventuras anteriores – apenas a capa era inédita.

Mauricio sentiu o golpe. Tirou seu time de campo e admitiu que precisaria se preparar melhor para empreitadas da envergadura de uma revista mensal. Voltou a focar nas tiras de jornais, nos quais o sucesso só aumentava. Com isso, passou a montar uma equipe. Inicialmente, arte-finalistas e, mais tarde, desenhistas.

Os trabalhos começaram a aumentar. E o que inicialmente era a Bidulândia, passou a se chamar Mauricio de Sousa Produções.

Em 1966, Mauricio lançou seus três primeiros livros ilustrados, pela FTD: *A caixa da bondade* (estrelado por um desconhecido Niquinho), *Astronauta no planeta dos homens-sorvete* e *Piteco*. Cada edição trouxe uma história extra: Chico Bento, Zé da Roça e Penadinho, pela ordem.





Como você verá nas páginas adiante, tanto as histórias da *Zaz Traz* e da *Bidu* quanto os livros da FTD foram republicados em 2015, nas comemorações dos 80 anos de Mauricio de Sousa, pela Panini e pela WMF Martins Fontes, respectivamente.

No entanto, o objetivo de produzir revistas mensais seguia no radar. Afinal, elas tinham circulação nacional, diferentemente dos jornais, que eram comercializados quase sempre apenas nas suas determinadas cidades ou estados.

Então, em 1967, surgiu uma segunda chance. A *Folha de S.Paulo*, de olho numa fatia do mercado que era dominado pela Abril, com os quadrinhos Disney, convidou Mauricio para fazer não uma, mas quatro revistas mensais: *Horácio*, *Bidu*, *Cebolinha* e *Piteco*.

O projeto era ambicioso e chegou a ser anunciado em dois tabloides do Horácio, na *Folhinha*, nos dias 10 e 17 de dezembro daquele ano, com direito a concurso para a criançada – no primeiro, inclusive, por um erro do jornal, Cebolinha "fala" diversas palavras com a letra R. Mas as revistas nunca saíram. Mais uma vez, Mauricio viu seu sonho adiado.

Até que, em 1969, a oportunidade definitiva apareceu: a Editora Abril começou a negociar com Mauricio a publicação de um gibi com seus personagens, então já bastante conhecidos, inclusive pelas propagandas em animação da Cica (mais detalhes nas próximas páginas). No ano seguinte, em maio, chegava às bancas de todo o Brasil... *Mônica*. Curiosamente, somente na primeira edição o título era complementado por um "e a sua Turma".

O sucesso foi estrondoso. Com o passar do tempo, a dentucinha seria aclamada como a mais querida personagem dos quadrinhos nacionais, as outras criações do autor conquistariam o coração e a mente de diversas gerações de leitores, dentro e fora dos gibis, e Mauricio de Sousa se tornaria, informalmente, o maior formador de leitores do Brasil.

Mas até que isso se concretizasse teve muita História. Uma História que vem sendo contada desde então. E que você vai relembrar – ou conhecer – em detalhes nesta coleção.

Arquivos do Mauricio

Por Paulo Back e Sidney Gusman

Nesta seção, a cada volume da *Biblioteca Mauricio de Sousa*, apresentaremos dezenas de curiosidades e informações sobre as histórias e os personagens. Prepare-se para descobrir verdadeiras preciosidades. Edição a edição.

Mônica # 1 (maio de 1970)

A primeira revista da Dona da Rua chegou às bancas em maio de 1970. Mauricio começava ali uma trajetória até então impensável: uma turma de personagens genuinamente brasileiros algum dia destronar os poderosos gibis estrangeiros, que eram os donos do mercado de quadrinhos.

A edição abriu com a história *Mônica é daltônica?*. Quem era criança quando a leu certamente não se esquece do Cebolinha cruzando um beco para ir a uma reunião secreta de um clubinho dos meninos que se perdeu no tempo.

Mas este clássico dos quadrinhos nacionais não só inaugurou o gibi da Mônica, como serviu de ponto de partida para vários títulos com personagens de Mauricio de Sousa. Como foi descrito na matéria nas páginas anteriores, Mauricio tinha uma agenda repleta de negócios, viagens, entrevistas e, claro, família. E ainda tinha que arrumar tempo para fazer novos roteiros.

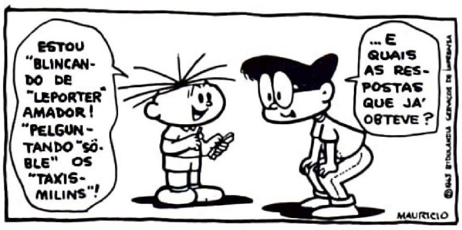
Só que este tempo não existia.

A solução, naquele primeiro momento, foi revisitar suas velhas histórias. Aquelas já publicadas no extinto gibi do Bidu e outras que haviam saído em tiras e suplementos de jornais.

Era um material ótimo, que merecia um alcance maior. Por isso, os primeiros números de *Mônica* foram um mix de histórias adaptadas com outras novas. Mauricio escreveu *Mônica é daltônica?* especialmente para a revista. No entanto, seu início é muito parecido com outra publicada na *Folhinha de S.Paulo*, no dia 24 de janeiro de 1965.

Mas a semelhança termina aí. Se em *Mônica é daltônica?* o plano é derrotar a dentucinha, nesta mais antiga a vítima seria o Cascão – e, um ano depois, ela também seria adaptada para os gibis, em *Mônica # 13*, com o título *Cascão contra a Cisca*.

Como se pode notar, em *Mônica é daltônica?*, o clubinho é o mesmo, mas os meninos são outros. E atualmente isso pode soar estranho, mas o líder deste embrião de "plano infalível" é o Zé Luís, que surgiu em 1963, nas tiras do caderno *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*.



Ele era o típico garoto sabichão, que, por ser um pouquinho mais velho, se julgava esperto. Mas, no fim, era passado para trás pelo seu amigo mais novo, um certo Cebolinha, que tinha um cabelo esquisito (na época, não eram apenas cinco fios).

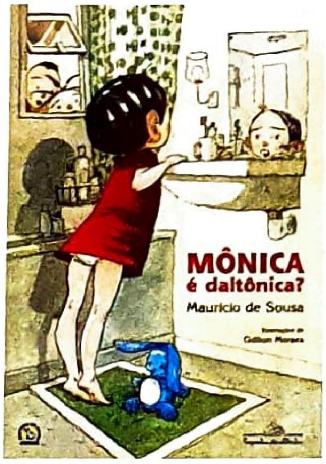
Até pouco tempo, achava-se que a estreia do Cebolinha tinha sido nas tiras de jornais, em junho de 1960. No entanto, em pesquisas recentes para a *Graphic MSP Cebolinha – Recuperação*, de Gustavo Borges, descobriu-se que a primeira aparição oficial do troca-letras, com um visual muito diferente e ainda sem ter o nome citado, aconteceu na história *Concurso de robustez canina!*, publicada na revista *Zaz Traz*, da Editora Continental, em março do mesmo ano. Ou seja, três meses antes.

Cebolinha seria batizado na aventura *O grande hipnotizador*, que saiu em *Bidu* 2, da mesma editora, em abril de 1960. Nesse começo, o personagem não trocava apenas o R pelo L: ele falava como uma criança pequena, pronunciando várias palavras de forma errada. Assim, Franjinha virava "Fanzinha", quero saía "telo", chovendo era "sovendo" etc. E todas eram grafadas entre aspas.

O Zé Luís mais tarde virou um personagem esporádico, mas, em 1963, fez dupla com o Cebolinha algumas vezes. E uma delas teve importância crucial pra os quadrinhos nacionais, pois ele apresentou a Mônica. Primeiro, como sua vizinha, depois como sua irmã caçula.

Isso mesmo! Na tira original, publicada em 10 de março de 1963, na *Ilustrada*, Zé Luís menciona que Mônica é sua nova vizinha. Porém, quando a história foi republicada, em 6 de setembro de 1964, agora na *Folhinha*, Mauricio modificou o texto e transformou os dois em irmãos. Só que isso logo foi abandonado.

Mauricio, naquela época, adorava fazer brincadeiras nos títulos, com rimas ou repetindo as consoantes e vogais no início das palavras. Alguns exemplos: *Mônica é daltônica?*, *Cascão não quer sabão*, *Mônica menina-moça*, *Um cão Cascão*, *Cascão contra a Cisca* e muitas outras. Nesta história, os balões de fala do Cebolinha ainda traziam aspas nas palavras que ele pronunciava "elado".



Em 2015, *Mônica é daltônica?* foi adaptada em um livro com ilustrações do premiado Odilon Moraes, que foi publicado pela Companhia das Letrinhas.

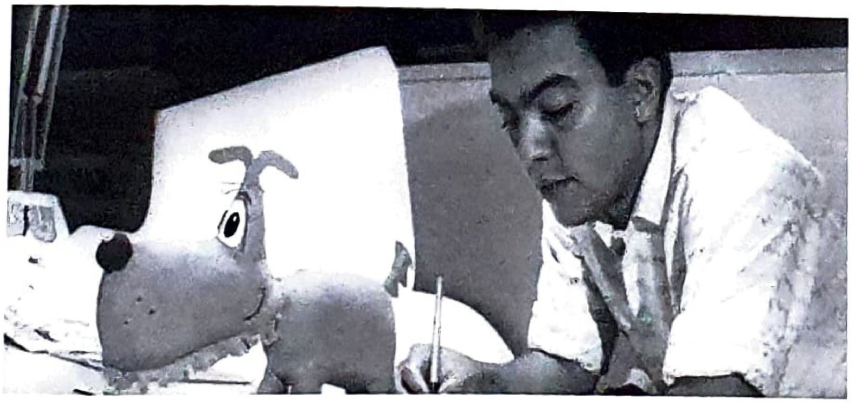
Como todo mundo sabe, o Bidu estava presente na estreia de Mauricio como autor de quadrinhos, numa tira vertical que saiu na *Folha da Tarde*, em 18 de julho de 1959.

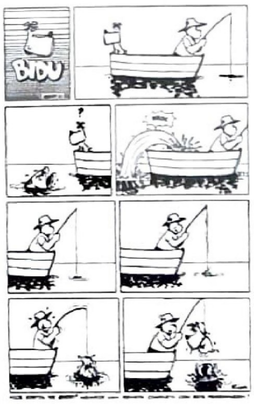
No ano seguinte, o cãozinho ganhou sua própria revista, que durou oito números, pela Editora Continental, que meses depois passou a se chamar Outubro. *Cachorro falante* é daquela época: saiu originalmente em *Bidu # 1*, com roteiro, desenho, arte-final e letras do próprio Mauricio.

A aventura ganharia outra versão cinco anos mais tarde, em abril de 1965, quando foi adaptada e lançada no formato de tiras na *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*.

E teria uma terceira versão, que saiu na revista *Mônica*. A única diferença para a anterior é a presença das cores. Aqui, os traços de Bidu e Franjinha ainda seguem o estilo da década de 1960. A aparência do cãozinho azul pouco mudou com o passar dos anos, mas sua personalidade daria uma grande guinada.

Mais tarde, ele passaria a conversar com pedras, postes, pulgas e outros cachorros. De mascote inocente, viraria um ser antropomórfico, com direito a piadas sarcásticas, comentários sobre a difícil vida de cão dos humanos etc. Bidu (abaixo com o seu criador, num brinquedo artesanal) se libertaria da coleira para quebrar "paredes". Essa magia dos quadrinhos...

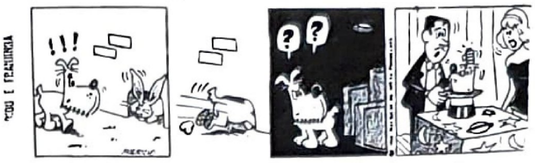




A ingenuidade do Franjinha (cujo visual, na época, lembrava bastante o do personagem Bolinha, da norte-americana Marge – pseudônimo de Marjorie Henderson Buell) pode parecer estranha hoje. Afinal, ele era só um menino gordo e baixinho que, por ser menor que os outros, passava poucas e boas nas mãos de Titi, Jeremias e Manezinho, que então aparentemente eram um pouco mais velhos e espertos.

O intrigante mágico trapalhão Marko foi criado especialmente para esta história. Apesar de ser coadjuvante, ele é o pivô de toda a confusão. O seu visual, com fraque e cartola, foi inspirado no Mandrake, criado por Lee Falk em 1934, e que Mauricio tanto lia quando era garoto.

Ele voltaria a aparecer em algumas tiras de jornais nos anos seguintes. Às vezes, como Marko, outras como Marco ou até como um mágico anônimo.



A Turma da Mata era presença obrigatória nos primeiros anos da revista. Especialmente o Jotalhão. O simpático paquiderme verde já era conhecido nacionalmente por ser o "elefante mais amado do Brasil", fazendo propaganda do extrato de tomate Cica.

Mas se nos comerciais de televisão Jotalhão contracenava com a Mônica, nos quadrinhos tinha a sua própria turma. E com ela vivia fábulas modernas com pitadas de sarcasmo e moral.

Em O *amor da Rita*, a formiguinha Rita Najura já se mostrava apaixonada e incompreendida pelo elefante. Ao mesmo tempo, Saúvo (na época, chamado de Saulvo), seu eterno pretendente, fazia o impossível para demonstrar seu "pequeno grande" coração.

Rita Najura surgiu alguns anos antes, como suporte para uma única piada. Mas alguns desses personagens, de tão bons, voltavam a aparecer e, nisso, acabavam ficando. Foi o caso dela.

Sua estreia foi nas tiras da *Folha de S.Paulo*, em fevereiro de 1965. Entretanto, seu nome era Dona Formiguinha. Na história, ela observa Jotalhão atravessar a ponte, que quebra com seu peso. Aliviada, dá meia-volta, tendo a certeza de que o mesmo aconteceria com ela.

Essa mesma história seria redesenhada e republicada no suplemento *Quadradinhos*, do jornal *A Tarde*, da Bahia, em 8 de março de 1975.

Alguns anos depois, porém, Mauricio decidiu revisitar a personagem, dando-lhe um nome e uma carga dramática. Surgiu, assim, Rita Najura, a formiga apaixonada pelo elefante Jotalhão.

Curiosamente, a ideia da formiga de avental e com lenço na cabeça veio bem antes disso. Em 15 de setembro de 1963, Mauricio "vestiu" uma formiga tal qual a Rita Najura. A ilustração saiu na capa da segunda edição da *Folhinha de S.Paulo*.

Apesar de a formiga não ser a verdadeira Rita Najura, de certa forma foi uma ideia pré-concebida da personagem.

O nome de Rita Najura vem, claro, de Rita e Tanajura, uma espécie de formiga. O mesmo acontece com Saúvo e seu amigo Juca Içá.

O soro da invisibilidade é uma história antológica, que virou animação nos anos seguintes. Cebolinha apronta uma molecagem daquelas ao dar um tapa na Mônica e colocar a culpa no Cascão. Também há a participação do coadjuvante mais querido do Brasil, o Xaveco (ainda com "Ch", porque, quando ele surgiu, seu cabelo tinha a forma de uma chave), que usava um camisão que mais parecia uma bata.

Apesar de ter se tornado um clássico a partir da revista *Mônica*, *O soro da invibilidade* foi publicada em formato de tiras originalmente na *Ilustrada*, de 1° a 29 de novembro de 1966.

Em 1970, ela foi redesenhada e colorida. Uma curiosidade é a cena do último quadrinho. Embora hoje possa parecer quase irreal, era comum os personagens aparecerem peladinhos.

Mas interessante mesmo é a aparição (nas tiras da *Folha* e no gibi) de um certo barbeiro coadjuvante que chama o Cebolinha de "cabecinha voadora". Ele, na verdade, é uma homenagem ao seu Antonio, pai de Mauricio de Sousa e barbeiro e poeta na vida real.

Apesar de nunca ter virado personagem, seu Antonio era presença marcante nas tiras e histórias daquela época, fazendo uma ponta aqui e outra ali. Inclusive como barbeiro, como nesta tira abaixo, de 1965.

Uma sequência desta história seria publicada cinco anos depois, no gibi *Cebolinha # 32* (Editora Abril), intitulada *De novo, o soro da invisibilidade*.

....

A corrida, a segunda aventura da Turma da Mata na revista, é uma releitura da fábula da lebre e da tartaruga. E também não foi a única vez que Mauricio a adaptou.

Outra versão saiu nas páginas da *Ilustrada* em 1965, mas com um final diferente.

Na aventura adaptada para o gibi, há a participação do Jotalhão e personagens menos notórios, como o Mico Lino e o Tuta Tatu, que hoje pouco aparecem, mas na época eram presenças marcantes nas histórias da Turma da Mata.

Aliás, o Mico Lino, originalmente, servia como estepe para as recém-instaladas rodinhas no casco do "modernoso" Tarugo.

Contudo, quando Mauricio criou a Turma da Mata, a grande estrela era o Raposão. O personagem estreou em 8 de setembro de 1963, na primeira edição da *Folhinha de S.Paulo*.

Usando cartola na época, Raposão desfilava sob o olhar de Dona Corujoca e um jabuti que viria a ser o Tarugo. Seu grande parceiro de aventuras era o Coelho Caolho. Inimigos naturais, porém amigos nas histórias.

Na aventura *Cascão não quer sabão*, o Franjinha dá seus primeiros passos como inventor mirim. Mais radical do que nunca, o Cascão jurava nunca tomar banho, mas hoje muitos sabem que ele já fez isso.

Nas tiras publicadas na *Ilustrada*, no começo dos anos 1960, Cascão não era tão teimoso (veja ao lado). Ele chegou a aparecer, todo contrariado, molhando um dedinho ou até mesmo de banho tomado.

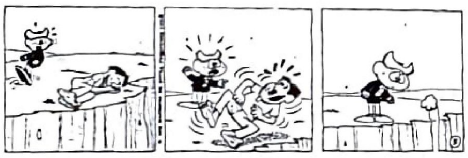
Mas ele logo ficaria irredutível. Em 1970, sua fama de sujinho era inabalável, para desespero da Mônica e de um vendedor de sabonetes que lembra um famoso apresentador de tevê com um sorriso bastante conhecido.

Esta história foi elaborada por Mauricio especialmente para a revista, fechando a primeira edição.

Curiosidades que povoarão frequentemente estas páginas da *Biblioteca Mauricio de Sousa* serão as propagandas da época, que tiveram ligação com os personagens do criador da *Turminha*.

Uma delas foi em forma de história. Em *A festinha da Mônica*, a dentucinha junta seus amigos Cebolinha, Magali, Xaveco, Bidu e até o Nico Demo, para provar o suco de uva da Cica.

Alguns leitores talvez nem conheçam o Nico Demo. Ele foi – ou ainda é – um personagem bastante controverso. Teve suas tiras publicadas no *Jornal da Tarde* de 1966 a 1978. Quando pediram a Mauricio para amenizar as histórias, o autor o levou para a *Folha da Tarde*.



Ele era um garoto que, mesmo que tentasse fazer o bem, acabava provocando alguma tragédia. Como o tom era mais adulto, suas histórias eram publicadas só em jornais, e não nos gibis. Mesmo assim, as tiras sem texto, mas com humor ácido e cheias de situações incorretas, com o tempo acabaram incomodando até o próprio Mauricio, que deixou o personagem de lado.

Nico Demo só voltaria a aparecer nos anos 2000, em historinhas curtas, mas com pegadas mais leves.

Neste anúncio, curiosamente, Nico Demo fala, o que não acontecia em suas tiras publicadas em jornais.

A outra propaganda da edição trazia Mauricio admirando seus primeiros bonecos da Turma, lançados pela Trol. Além de Mônica, Cebolinha, Cascão, Chico Bento e Bidu, havia figuras de Franjinha, Horácio, Lucinda e Papa-Capim, que eram populares na época. Por incrível que pareça, Magali ficou fora da coleção.

Mônica # 2 (junho de 1970)

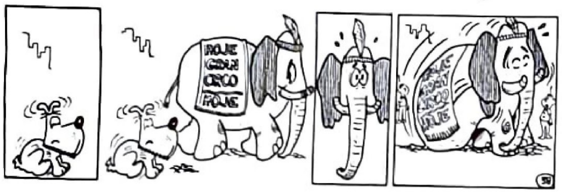
O segundo número da revista *Mônica* chegou às bancas com a dentucinha acompanhada do Jotalhão, na capa. Como a dupla contracenava nas propagandas de televisão da Cica, em desenhos animados, a estratégia era atrair a atenção dos pais e filhos.

Por isso, em *Um elefante incomoda muita gente*, Mauricio repetiu a estratégia da tevê e fez algo que atualmente é raro: colocou os dois na mesma história.

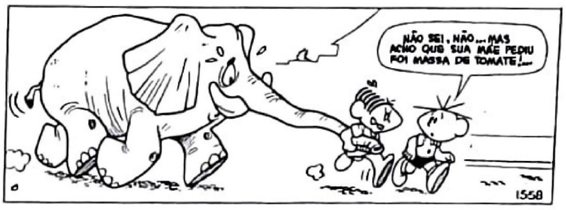
A ideia do Jotalhão surgiu em 1962, como uma homenagem ao *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. O então editor-chefe Alberto Dines encomendou a Mauricio uma mascote, que estrelaria uma série de tiras. O autor pensou no elefante, e o seu nome foi uma referência ao "J" daquele periódico.

O plano era que o jornal publicasse suas tiras, mas, praticamente ao mesmo tempo, Mauricio foi convidado para lançar a *Folhinha*, e o pai da Turminha precisaria de novas criações. Dessa forma, Jotalhão acabou estreando em terras paulistanas. Isso aconteceu no dia 6 de janeiro de 1965, na *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*.

Uma tira do Bidu da mesma época trazia um elefante, que, apesar de não ser o Jotalhão, tinha características bem parecidas. Ela foi publicada em 12 de março de 1965, mas, como tudo era feito com alguma antecedência, é difícil dizer qual foi desenhada antes ou se aquele paquiderme teria influenciado no visual criado para o Jotalhão. Mas vale pela curiosidade.



Em paralelo, há ainda a relação do Jotalhão com o extrato de tomate da Cica. A carreira do simpático elefante como garoto-propaganda tem início em uma tira publicada na *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*, em 17 de fevereiro de 1968.



Naquela época, Mauricio de Sousa utilizava os comerciais de tevê como base para piadas nas tiras da Mônica e Bidu. Numa delas, Mônica leva um elefante para casa, dando a entender que ela se confundiu com o pedido da mãe.

A tal massa de tomate era o extrato de tomate da Cica, cujo nome era... Elefante. Na lata, um elefante vermelho, desenhado em estilo realista, estampava o rótulo.

Esta tira fez tanto sucesso, que acabou chamando a atenção do publicitário Enio Mainardi, da agência Proeme, que viu na Turma grande potencial para alavancar os comerciais da Cica. Assim, Mônica, Cebolinha e toda a turma começaram uma bem-sucedida carreira na tevê. Numa época em que era impossível, financeiramente falando, Mauricio investir em desenhos animados, a parceria serviu para tornar seus personagens ainda mais conhecidos.

O primeiro comercial foi uma versão estendida da tirinha em que Mônica leva um elefante para casa. A grande diferença é que, em vez de um paquiderme genérico, Mauricio optou por usar um personagem seu, o já aclamado Jotalhão.

Foi assim que Jotalhão se tornou a mascote de uma marca estabelecida. Foi a primeira parceria da Mauricio de Sousa Produções com um produto alimentício, e a entrada dos personagens para o campo do *merchandising*.

O único porém foi com relação à cor. Jotalhão apareceu pela primeira vez colorido nas capas do suplemento *Folhinha de S.Paulo*, só que ele era rosa. E como ele ia estampar o novo selo do extrato de tomate, não haveria o contraste necessário com o fundo vermelho. Assim, o Jotalhão passou a ser verde, e ainda representava as cores das cantinas italianas. Sobre a história em si, Mauricio tirou o título da famosa música infantil "Um elefante incomoda muita gente. Dois elefantes incomodam, incomodam muito mais...". E vale notar a mistura de inocência com a atitude politicamente incorreta do Jotalhão em relação às estatuetas de marfim, comércio hoje muito criticado e até proibido. Mas aqueles eram outros tempos.

Outras curiosidades: Jotalhão aparece na história como bípede e também quadrúpede, e há uma cena em que a mãe da Mônica desmaia, que foi inspirada no comercial de TV.

....

A história do Horácio é um resumo da primeira aventura do personagem, publicado na edição de estreia da *Folhinha*, em 8 de setembro de 1963, só que com desenho bem diferente. Inclusive, no gibi, o guarda da aldeia de Lem é o Piteco – notou a cor da roupa do nosso homem das cavernas? Amarela com bolas vermelhas, bem menos discreta que seu traje atual.

Entretanto, a história do dinossaurinho órfão começa antes disso. Horácio surgiu nas tiras do recém-criado Piteco, em 1961, no *Diário de Bauru*, quando o homenzinho das cavernas encontra um ovo abandonado.

Só que esta primeira versão era bem diferente: tinha cristas e se limitava a fazer ruídos como "gruumm, gruumm". Além disso, Horácio (que não era chamado pelo nome ainda) crescia. Na história, Piteco chegou a usá-lo, já gigantesco, para escapar das investidas da Thuga.

Tempos depois, a história do filhote adotado pelo Piteco foi recontada na íntegra, com o traço original do Mauricio, em nove tabloides publicados na *Folhinha*, de 15 de março a 10 de maio de 1970.

E, em outubro de 1972, na revista *Mônica # 30*, a origem do Horácio foi mais uma vez apresentada aos leitores. Só que com o traço atualizado da época. Esta aventura saiu em *Turma da Mônica – Coleção Histórica # 30*, da Panini, em julho de 2012.

A cena do Horácio seguindo Piteco se tornou tão clássica, que foi reproduzida até pelo Cebolinha: numa tira na *Ilustrada*, ele puxava o Horácio por uma corda – infelizmente, não conseguimos reproduzi-la porque a imagem não tinha resolução o bastante. E Mauricio não parou por aí! Essa mesma ideia teve outras versões.

No livro *Piteco*, da editora FTD, lançado em 1966 (e republicado em 2015, na coletânea *Mauricio – O Início*, da WMF Martins Fontes), acontece o mesmo, só que o homem das cavernas – agora com um traje branco e azul – é seguido por um brontossauro.

Antes disso, em agosto de 1962, numa história de uma página da série *Hiroshi e Zezinho* (personagens hoje conhecidos como Hiro e Zé da Roça), publicada na revista *Coopercotia*, Zezinho também adota um dinossaurinho. Este é o mais antigo conceito do que viria a ser o Horácio.

Com o passar do tempo, a dupla Horácio e Piteco deixaria de existir. Eles até voltam a contracenar ocasionalmente, mas parecem não se conhecer. Tanto que, anos depois, a origem do pequeno tiranossauro seria contada de outra forma, dentro de seu próprio universo.

A ideia para *Quem conta um conto* surgiu quando Mauricio, entediado, escreveu "supérfluo" numa folha de papel. Ao brincar com as letras, rabiscou "super furo". Foi o suficiente para o roteiro surgir, prontinho, na sua cabeça.

Essa história traz duas curiosidades. A primeira é o Jeremias, que era colorido de maneira diferente e hoje completamente equivocada. A outra está nos nomes dos pais do Franjinha. Mas engana-se quem acha que eles foram batizados aqui.

Ambos apareceram logo na estreia da revista *Bidu*, na Editora Continental, em 1960. Carlos foi batizado na história *O anão lutador*, mas o nome de Elza só foi revelado no número seguinte, em *Lua maluca*. Esse material foi todo republicado em 2015, pela Panini, no livro *Coleção Histórica Mauricio*. Um resgate valiosíssimo!

Devido à sua mensagem, *O melhor inimigo do homem* poderia ser protagonizada pelo Astronauta ou até pelo Horácio. A primeira versão dessa história foi publicada na *Folha de S.Paulo*, em 31 de maio de 1966. Mas, para sair no gibi da Mônica, ela foi redesenhada e ganhou cores.

E foi só assim que se descobriu que o tal cãozinho extraterrestre é verde. Curiosamente, ele lembra outro personagem, só que este é amigo do Bidu. Trata-se, claro, do Duque, com seu topete e manchinhas pelo corpo, que fez sua estreia um ano depois, em 1967.

A história do pé de couve, protagonizada pelo Cascão, é uma adaptação de uma piada usada numa tira do Cebolinha publicada na Ilustrada, da Folha de S.Paulo, em 1965. Só que, no gibi, o Xaveco acabou não sendo utilizado.

Nas revistas de 1970, assim como na Pré-História do Horácio, o núcleo do Piteco era habitado não somente por dinossauros, mas também por grifos, dragões, criaturas esquisitas, seres luminosos etc. Valia tudo em nome da diversão. Por isso, em *A fuga*, Zum e Bum nem estranham os dois ciclopes guardas da prisão.

O fato pitoresco é que são Zum e Bum – e não Piteco – que protagonizam a primeira aventura deste núcleo de personagens na revista *Mônica*.

Esta mesma história teve sua a primeira versão publicada no *Diário de S. Paulo*, em 1964.

Os irmãos fizeram sua estreia em 23 de maio de 1961, numa tira da *Folha de S.Paulo*. Mas só um deles aparece!

Outra inversão daqueles tempos: em *A superloção*, o Zé Luís era o inventor da Turma. Esta história é anterior a 1970 e foi reaproveitada no gibi. Observe que o traço dos personagens está num estilo um pouco diferente do usado na época.

A versão original foi publicada na *Folhinha*, durante quatro semanas, de 5 a 26 de abril de 1964, sempre aos domingos.

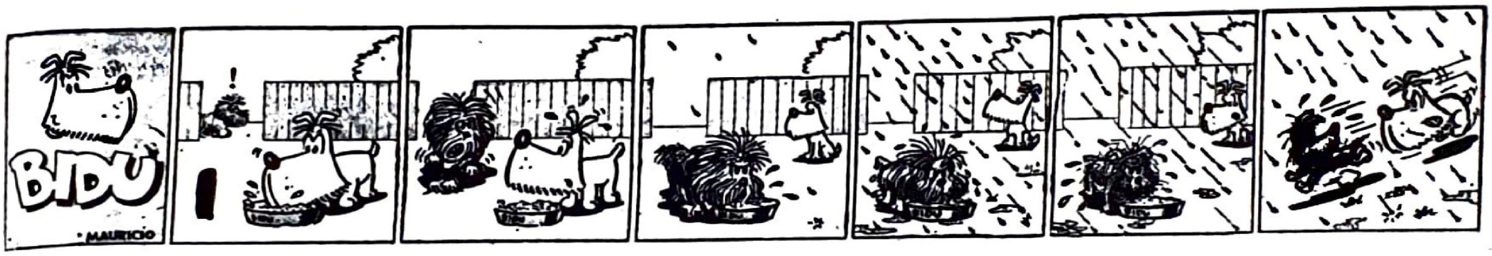
Na história, Zé Luís experimenta uma loção no Cebolinha. Embora hoje pareça estranho, nem sempre o troca-letras teve esse visual.

Quando Mauricio o criou, os cabelos lembravam uma cebolinha, tal qual é hoje. Só que ele possuía uma vasta cabeleira. Na falta de tempo para desenhar tantos fios, o autor foi reduzindo-os aos poucos, até só sobrarem os famosos cinco.

A segunda história do Horácio na edição dá sequência à sua origem, focada no tema um ovo abandonado ao sol. Nesta, ele é adotado por um casal de pterodátilos, que depois seriam conhecidos como Alfredo e Carlota.

Com final triste, é uma versão do roteiro publicado anos antes, em três tabloides, de 15 a 29 de setembro de 1963, na *Folhinha*.

A história de uma página do Bidu é uma releitura de uma das primeiras tiras do cachorrinho azul, publicada na *Folha de S.Paulo*, no caderno *Ilustrada*, em 5 de dezembro de 1959. Para a revista, ela foi redesenhada no formato de uma página inteira, com o traço modernizado.



A dona da rua é um clássico da Turminha. Tonica, uma prima do Cascão, usa uma "arma secreta" para se tornar a dona da rua: a sua carinha triste. Mas em momento algum a expressão de seu rosto é mostrada. Cabe somente ao leitor "visualizá-la".

Um belo exercício de imaginação para a criançada da época. Mauricio se inspirou em uma história do personagem Ferdinando (Li'l Abner, no original), de Al Capp, uma das leituras que o pai da *Turma da Mônica* mais gostava quando garoto.

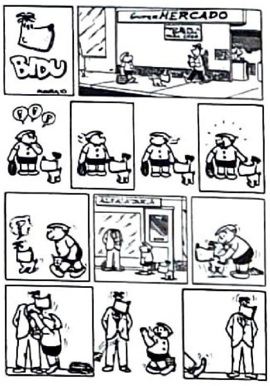
Mauricio usaria essa característica de não mostrar tudo ao leitor em várias de suas histórias, principalmente nas do Horácio e do Piteco.

Mônica # 3 (julho de 1970)

Quem tem medo da mini-Mônica? foi um roteiro inédito que Mauricio desenvolveu exclusivamente para a revista. É uma daquelas histórias surrealistas, misteriosas e além da imaginação, que ele adorava fazer. Naqueles tempos, as coisas aconteciam sem nenhum motivo aparente, sem a necessidade de se explicar tudo.

Mauricio sempre foi contra a utilização dos "sonhos" em suas histórias, porque o leitor poderia se frustrar, tanto pelo desfecho óbvio, quanto pelo uso de uma saída fácil para o roteiro.

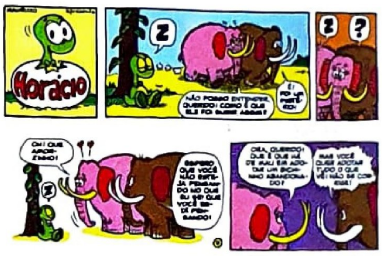
Por isso, aqui não há uma explicação lógica para a situação da mini-Mônica. Melhor assim, pois a pulga atrás da orelha é inevitável. Será que tudo realmente aconteceu? Cada um que tire suas conclusões.



A história de uma página do Bidu é dos tempos em que o cachorrinho teve seu próprio gibi: saiu na segunda edição, em preto e branco, pela Editora Continental. Sem nenhum balão, foi reutilizada com o desenho atualizado para conquistar novos leitores.

A procura do Horácio pela sua mãe era uma constante em suas primeiras histórias. Por isso, ele tentou ser adotado por uma série de casais, como mamutes, pterodátilos e dragões.

Na aventura desta edição, que é uma mistura de drama, humor e tragédia, é difícil estabelecer de quem se sente mais pena: da Mamãe Mamute, que tanto quer ter um filho; dos filhotes órfãos jogados num buraco; ou do próprio Horácio.



No gibi, a história tem oito páginas, mas ela saiu originalmente na *Folhinha de S.Paulo*, de 20 de outubro a 10 novembro de 1963, em quatro tabloides.

O primeiro quadrinho de *Mônica menina-moça* já vale menção. A dentucinha trajada como uma *hippie* diante de um espelho quebrado virou um símbolo daqueles tempos.

No entanto, vale salientar que a imagem em questão pouco tem a ver com o argumento da história, que, na verdade, é uma coleção de tiras e piadas – uma por página – que se entrelaçavam, quase como acontecia nos suplementos de jornais.

A fonte da juventude foi uma das primeiras aventuras da Turminha com base em pesquisas históricas. O que a fonte da juventude e um explorador espanhol faziam nos arredores do bairro do Limoeiro pouco importa. O que valia era a diversão garantida, principalmente quando os meninos mais velhos aprontavam muito com o Cebolinha.

Legal notar que algumas grafias foram mudadas com o tempo, nas falas do Cebolinha. Hoje, é estipulado que o "R" no final das palavras continua com este som, e não como "L", como ele pronuncia várias vezes nesta história. Outra curiosidade: em uma cena inusitada, Humberto berra enquanto chora, reforçando a teoria de que ele é surdo, e não mudo.

O que poucos sabem é que esta aventura teve duas versões anteriores, ambas com traços diferentes. A primeira saiu em *Bidu # 7*, da Outubro (o nome que a Continental passaria a usar) e foi a última inédita produzida por Mauricio para a editora.

Alguns anos depois, ela foi republicada na *Folhinha*, em cinco capítulos, de 3 a 31 de maio de 1964.

E a história ganharia uma adaptação em desenho animado em 1986, com o Jeremias no lugar do Humberto. Foi em um dos episódios de *As novas aventuras da Turma da Mônica*, terceiro filme com os personagens de Mauricio nos cinemas – e, posteriormente, relançado em VHS em 1987, pela Trans Vídeo, e em 1999, pela Publifolha.

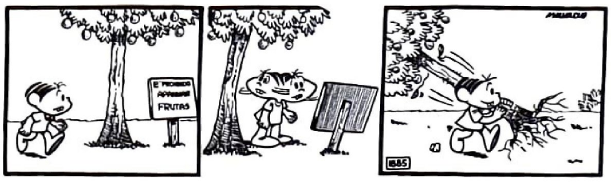
Hoje, o caminho mais simples para ver esta animação é o DVD *A fonte da juventude e outras histórias*, lançado em 2003, pela Paramount.

....

Em *Os caçadores de marfim*, dois personagens relativamente conhecidos naquela época, Zé Fuinha e Furão, armam um plano antiecológico para aplicar o "golpe do marfim" no Jotalhão, com um desfecho pra lá de inusitado. Os tais "pilantras da mata" ainda aparecem de vez em quando, mas sem a mesma frequência. A história é uma adaptação de uma sequência de tiras publicadas na *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*, de 1° a 6 de dezembro de 1967.

....

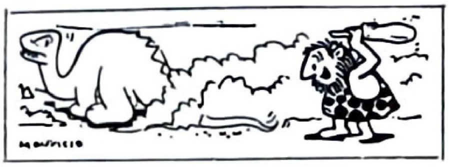
Uma curiosidade sobre a história de uma página em que Mônica puxa uma árvore pela raiz: ela já havia feito algo parecido numa tira que saiu na *Ilustrada*, em 18 de março de 1969. Essa solução com uso de força exagerada não é mais usada nos dias atuais.



....

Em *Mônica porta-bandeira*, há uma sacada que pode passar despercebida por leitores mais novos: o comentário do Cebolinha, de que o clubinho aceita meninas, porque eles não são influenciados por personagens de outras histórias. Trata-se de uma clara referência à turma do Bolinha, de Marge, que imortalizou a frase "Menina não entra", para evitar a presença da Luluzinha e de suas amigas.

A historinha curta do Piteco sobre o que o dinheiro faz com a vida das pessoas (desde a Pré-História) marcou a estreia dele nos gibis como protagonista. Ele só havia feito uma ponta na edição anterior, que, curiosamente, traz uma aventura com seus coadjuvantes Zum e Bum.



Piteco só estreou nas tiras da *Folha de S.Paulo* em 9 de maio de 1961. No entanto, sua concepção foi antes disso. Numa sequência de charges publicadas na capa da *Ilustrada*, a partir de 18 de fevereiro de 1960, Mauricio fez um homenzinho das cavernas, ainda sem nome, que lembra o visual inicial do personagem.

Na época, o autor apresentava o Piteco em *folders* coloridos para os jornais, na tentativa de vender suas tiras. E com o subtítulo "Nova criação de Mauricio".

É difícil precisar o que foi feito antes, mas em *Bidu* # 5, da Outubro, também publicada em 1960, a história *A fuga do Cebolinha* vislumbrava um futuro apocalíptico, no qual os barbeiros deixavam de existir. Olha só o visual deste homem!

....

A invasão dos discos está no time dos grandes clássicos do Mauricio. Embora esses extraterrestres tenham sido criados para esta aventura apenas, tornaram-se tão conhecidos como qualquer personagem secundário da Turminha. E participaram inclusive de uma ou outra continuação e até de álbuns de figurinhas.

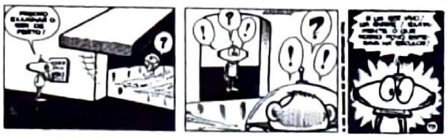
A Turminha competindo com os tais Asa-de-Ferro, Fortiferro e Pantagruaco é uma das mais vivas lembranças de quem leu gibis naquela época. E, vale ressaltar, a explicação que fecha a história vai contra qualquer desfecho imaginável.

Esta aventura teve sua primeira versão publicada na *Folhinha*, de 12 de março a 26 de abril de 1967. Para o gibi da Mônica, ela foi totalmente redesenhada.

....

Pra ter uma ideia de como esses robôs alienígenas se tornaram queridos, um deles virou figurinha no álbum *A Turma da Mônica*, lançado em 1979 pela Abril. Foi o comilão, mas seu nome foi modificado para Pantagruélico. Ele aparece, inclusive, na quarta capa.

O mais curioso, contudo, é que diversos robozinhos de vários planetas apareceram em histórias de personagens de outros núcleos. E como era Mauricio que os desenhava, o estilo ficava bem semelhante, como se vê nessas imagens do Astronauta e do Horácio.



Mônica # 4 (agosto de 1970)

Naquele começo, as histórias da Turma abordavam bastante as situações do dia a dia e a inocência da criançada na vida simples do bairro. Até havia alguns monstrinhos e etês aqui e ali, mas tudo era bem direto. Quando surgia o inexplicável e o absurdo, a conclusão ficava na interpretação do próprio leitor.

Os perigos da noite, escrita e desenhada por Mauricio, é um exemplo disso. Não há plano infalível, invenção do Franjinha ou sequência de *gags* para tirar a Mônica do sonambulismo. Só "sugestões". E a dentucinha não poupa nem o Bidu, coitado! De todo modo, o final é bem conhecido dos fãs.

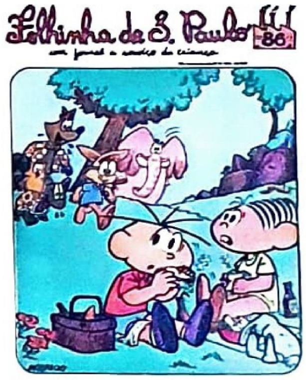
Uma curiosidade legal da época é que, em vários momentos, os personagens viravam a cabeça para trás, sobre os ombros. Assim, acabavam conversando de costas. Esse "maneirismo" é uma característica das aventuras originais do Mauricio.

PARA COLORIR

Há muito de genial na Turma da Mata. Quando Mauricio criou seus animais antropomorfizados, deu a cada um uma pitada de surrealismo. Era o começo dos anos 1970 e o psicodelismo ainda imperava. Óculos grandes e redondos, roupas coloridas e símbolos de paz e amor – as orelhas do Coelho Caolho que o digam.

O Tarugo, aqui cheio de complexo de feiura, não ficou para trás e fez do seu casco um belo modelo conversível. Isso sem contar aquelas espirais que pareciam "hipnóticas".

Este simpático jabuti surgiu a partir de uma piada avulsa "para colorir", publicada na *Folhinha*, em 6 de outubro de 1963. Nela, uma versão de Tarugo, de cartola e sem óculos, dizia possuir uma saída de serviço em seu casco.



Já sua versão com óculos é um dos detalhes da capa da *Folhinha* de 7 de dezembro de 1967. O interessante é que, neste desenho, o casco de Tarugo não tem o famoso teto solar. E se ligue nas cores das roupas da Mônica e do Cebolinha!

Tarugo fez sua estreia nas tiras da Turma da Mata na *Ilustrada*, em 6 de dezembro de 1964. Logo em sua primeira sequência de tiras, ele dá um jeito para se locomover: rodinhas. E permaneceu assim durante alguns meses, mas depois passou a caminhar sobre as quatro patas.

Horácio continuava a saga à procura de sua mãe, que começou nas edições anteriores. Depois de algumas histórias introspectivas e tristes, Mauricio lança uma pequena sátira comportamental sobre como falavam as dinossaurinhas. Mais uma história que saiu antes na *Folhinha*, em um tabloide apenas, com outro traço.

Essa ideia levaria ao desenvolvimento, pouco depois, de uma personagem muito importante no universo do Horácio, a Lucinda.

O capacete espacial é mais velha do que o próprio gibi em que saiu: foi produzida anos antes, quando nem o Cebolinha nem a Mônica haviam nascido. A estrela se chamava Franjinha. O garoto, ainda meio gorducho e um pouco menor que seus amigos, tinha um jeito infantil e chorão; e em nada lembrava o atual.

A primeira versão desta história saiu como *Um rapaz do outro mundo*, na revista *Zaz Traz # 1*, da Continental, em 1960.

Na verdade, Franjinha seria o equivalente ao Cebolinha de hoje. Titi, Jeremias e Manezinho (e, às vezes, Humberto) eram os mais velhos, que viviam azucrinando o coitado. E todos falavam gírias que nos dias atuais estão pra lá de ultrapassadas ou até esquecidas.

De certa forma, Franjinha representava a infância do próprio Mauricio, quando ele precisava lidar com a turma dos maiores nos campinhos de futebol de Mogi das Cruzes, cidade do interior de São Paulo.

Esses maiorzinhos (que muito tempo depois seriam chamados de Turma do Bermudão) foram criados por Mauricio para enriquecer o universo de Bidu e Franjinha. É interessante – e inovador – pensar que, mesmo sendo coadjuvantes, todos tinham, desde o início, personalidades próprias e características marcantes.

Com o término da revista *Bidu*, essa Turminha migrou para as tiras da *Folha*, fazendo ponta como os amigos do Franjinha. Titi era um dos que mais aparecia.

Embora hoje pareça estranho, Manezinho, o filho do português, era o grande parceiro de aventuras do Franjinha, aparecendo na maioria das tiras da época.

....

A história sem título do Bidu, escrita e desenhada pelo próprio Mauricio, apresenta uma mensagem humana sob o ponto de vista canino. Ou seria o contrário? Uma pequena pérola sobre a liberdade, seja ela de um cão ou de uma pessoa.

Ela teve uma primeira versão, que foi publicada numa sequência de tiras na *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*, de 23 a 30 de março de 1967.

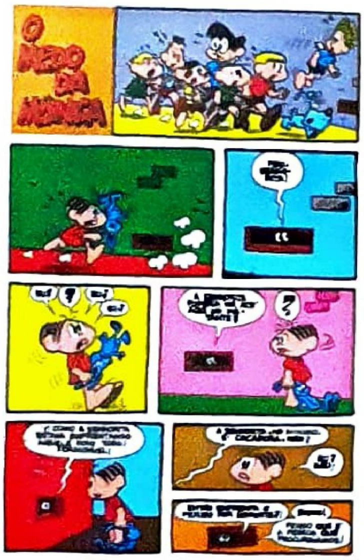
Assim como aconteceu com Cebolinha e Chico Bento, o Bidu teve em suas primeiras tiras uma vasta galeria de secundários que serviam de contraponto para as suas piadas. Esses personagens logo sumiam, caso do cãozinho de orelha machucada.

No entanto, alguns anos depois, o Duque ocuparia o lugar de todos eles, como o grande amigo do Bidu.

A goiabeira é da época das duplas inusitadas: Cebolinha e Franjinha? Ué, mas cadê o Cascão? Também era um tempo em que dois amigos torravam a mesada não em *videogames* ou brinquedinhos eletrônicos. Nada disso! Aqui, os garotos economizam para comprar uma... mudinha de goiabeira!

Nada mais apropriado. Quem viveu naquela época talvez sinta saudade de cantar *Meu limão, meu limoeiro*, clássica música de Wilson Simonal; e de ler *Meu pé de laranja lima*, livro de José Mauro de Vasconcellos que viraria novela, na TV Tupi, em novembro daquele 1970.

Esta versão é uma releitura de uma história publicada em 1960, na revista *Bidu # 2*, da Continental. Só que, antes de parar no gibi da Mônica, a aventura teve outra versão (levemente diferente), de 15 de agosto a 5 de setembro de 1965, em capítulos semanais na *Folhinha*.



O medo da Mônica é outra história com o toque de mestre do Mauricio. O autor mexe com o misterioso, o desconhecido, o inexplicável. Como tantas vezes aconteceu com o Horácio, o Piteco e o Astronauta, a Mônica interage com um enigmático par de olhos.

É delicioso ver a forma dos desenhos nas cenas narradas pela dentucinha. De garranchos, no início, os esboços evoluem rapidamente até quase virarem os próprios personagens. De quebra, ainda se descobre qual é o ponto fraco da Mônica.

A história é uma adaptação de outra publicada em três tabloides na *Folhinha de S.Paulo*, de 12 a 26 de setembro de 1965 – imediatamente após a já citada *A goiabeira*. Esta versão anterior saiu sem título e a disposição dos meninos no primeiro quadro é outra.

Só que a maior curiosidade por trás desse roteiro é que existe outra versão, ainda mais antiga. Ela saiu com o título *O nada-teme*, em *Bidu # 2*, da Continental, em 1960. A diferença é que o protagonista é o Cebolinha, e não a Mônica.

Apesar de ser praticamente a mesma trama, alguns detalhes são diferentes, como o início. Nela, é o Cebolinha que corre atrás do Bidu, segurando uma tábua como porrete, algo inimaginável (e assustador) para o troca-letras nos dias atuais.

Fechando a revista, outro clássico mauriciano: *A planta falante*. Talvez seja a história mais importante da edição. Uma "traçonovela" que até lembra episódios de seriados antigos de televisão, como *Além da imaginação* e *Perdidos no espaço*. Ficção científica das boas!

Piteco e os moradores de Lem pareciam habitar outro planeta, não uma Pré-História convencional. Talvez por isso houvesse tantos monstrinhos e plantas falantes por ali.

Gananciosa, a "vilã" abre caminho para uma invasão de sua raça à Terra. Piteco, que ainda vestia uma roupa quase igual à da Thuga, é o único que descobre suas malignas intenções, mas pouco pode fazer. Num desfecho longe do convencional, os personagens quase são extintos antes do tempo e, sem nenhum ato heroico, se comportam como simples humanos... ou lemianos.

Esta história teve sua primeira versão no *Suplemento Juvenil* do *Diário de S. Paulo*, em dez tabloides, em 1965.

Na quarta edição da revista *Mônica*, estreou o anúncio da primeira boneca da personagem, fabricada toda em plástico pela Trol e que hoje é raríssima. Legal é a descrição de suas qualidades: aguenta enfrentar até seu irmãozinho mais novo!

Outra mídia bacana publicada em *Mônica* # 4 foi a do Marron Glacê, da Cica. Feita em forma de quadrinhos, tem como curiosidade o fato de o terrível Nico Demo (personagem que era a antítese do politicamente correto) novamente falar. Além de contracenar com a Turma, algo raro nos gibis. E o mais inusitado: a Mônica prega uma peça nele!

Mônica # 5 (setembro de 1970)

Nos tempos pré-Monicão, Mingau e Chovinista, só o Cebolinha e o Franjinha tinham bichinhos de estimação – o Chaveco (ainda com Ch) e sua tartaruga pré-lei ambiental não contam. Pra Mônica, restava o seu coelhinho de pelúcia, que nem nome possuía ainda.

Assim como sua dona, o futuro Sansão foi inspirado num coelhinho de brinquedo real, que Mônica, a filha do Mauricio, carregava pra todo lado.

28 - O DUENDE

O gnomo de *A ameaça do coelhinho* reapareceu no álbum de figurinhas *A Turma da Mônica* (Editora Abril), de 1979. Depois, retornou em uma ou outra história, mas sua origem e seu paradeiro continuam um mistério. Será que ele ainda vive dentro do Sansão?

De quebra, há um quadrinho com uma coelhada explícita no Cascão, sem nenhum balão ou onomatopeia tampando a cena, algo que não acontece mais nas histórias faz algum tempo.

Agora o momento fofura desta seção: à direita, a verdadeira Mônica, filha de Mauricio, com seu coelhinho. Mas de fofinho ele não tinha nada: era de palha e amarelo. Imagine como doía uma coelhada!

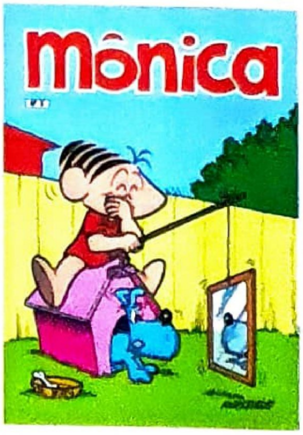
E o duende não foi o único mistério sobre o coelho da Mônica. Em 8 de outubro de 1964, na *Ilustrada*, Cascão comenta com Cebolinha que a Mônica tem um tijolo dentro do seu bichinho de pelúcia. E não é que, em 3 de dezembro do mesmo ano, Mauricio fez uma tira em que a menina tira o danado de dentro do futuro Sansão? Outros tempos, definitivamente.

Outra curiosidade: na tira de 28 de abril de 1967, o coelho cria vida e foge da sua dona. Situações como esta serviam como piada única.

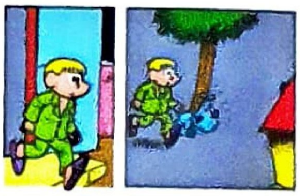
Ai, que dor de dente traz algo muito interessante: cada página se completa e apresenta uma piada independente dentro do contexto, como se fosse uma sequência de tiras adaptadas para o formato da revista.

E a Mônica já dava um jeitinho de ajudar Cebolinha com suas dores de dente antes, como você confere nesta tira de 25 de novembro de 1967, na *Ilustrada*.

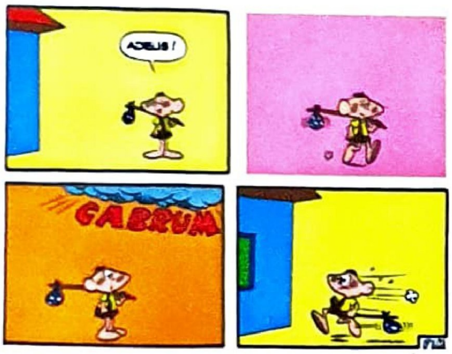
A história do Franjinha e do Bidu às voltas com um espelho é do tempo em que eles reinavam absolutos no universo mauriciano, mas aqui ganhou um novo traço e cores. Tudo dentro da filosofia de Mauricio que boas ideias não devem ser esquecidas, mas sim reaproveitadas para atingir novos públicos. E, coincidência ou não, a capa desta edição tem algo a ver com essa aventura.



Aliás, o Bidu já se estranhava com seu reflexo! Em uma série de tiras publicadas na *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*, de 1° a 5 de abril de 1967, o cãozinho se irrita quando um espelho se recusa a falar com ele.



Por fim, uma curiosidade extra: note que havia uma "esticada" na proporção dos personagens quando eles vestiam roupas compridas. Com a calça do pijama, o Franjinha parece um "quase adulto".



A historinha *A fuga* é algo comum, até batido, nos dias atuais, exceto pelo fato de o Cascão fugir de casa, claro. Afinal, quem não sabe que ele tem pavor de trovões? Mas, naquela época, esse tipo de piada valia uma página, pois, é preciso lembrar, os personagens e suas manias ainda estavam sendo apresentados ao público.

Deserto dos esqueletos é uma história intrigante, curiosa e inexplicável. Um original de Mauricio de Sousa. Irreal e criativa ao extremo, tensa, emotiva, subjetiva. Afinal, lesmas gigantes falantes nunca fizeram parte de nenhum período pré-histórico. Mas, no mundo do Piteco, tudo era possível.

Esta aventura, que só ganhou título ao sair na revista da Mônica, foi uma adaptação das tiras seriadas produzidas em 1966, e publicadas no *Diário da Noite*.

Em *O peso da Magali*, a comilona vive seu momento de estrela – tem até o nome no título, pela primeira vez num gibi! Seria o máximo, se ela não se desse tão mal na mão da melhor amiga.

Para os fãs atuais, pode parecer bastante esquisito, mas esta seria uma das poucas aparições da Magali nos primeiros números de *Mônica*. Ela ainda não tinha o carisma de hoje, e era uma mera coadjuvante nas histórias.

Mauricio fez este roteiro especialmente para esta edição da revista.

Quem curte a história dos personagens já deve conhecer a tira à esquerda, que saiu na *Ilustrada*, em 11 de janeiro de 1964. Foi nela que a nossa comilona favorita fez sua estreia oficial.

Entretanto, poucos sabem que uma garotinha com o seu visual já havia aparecido nas tiras de Bidu e Franjinha, na *Folha de S.Paulo*, numa história ambientada na Roma antiga, que teve seu início em 19 de março de 1963 e terminou em 10 de abril daquele ano. Como a **MSP** não tem o original, a imagem está na resolução possível que foi encontrada em acervos *on-line*.

E não foi a única vez! Depois disso, outra "sósia" da Magali fez uma breve participação numa aventura de Franjinha e Bidu. A tira foi publicada em 3 de março de 1963, no mesmo dia em que a Mônica estreou! Interessante notar que, nessas duas versões, a personagem tem dedos nos pés.

....

O fóssil do Raposão é uma "aula de paleontologia" do Tarugo e um momento de grandes aspirações de seu amigo Raposão. Na verdade, Mauricio sempre usou a Turma da Mata para satirizar a nós, seres humanos. E é por isso que o ataque de materialismo no final acaba servindo como uma "moral da história". Afinal, toda fábula tem a sua, não é?

A primeira versão desta aventura foi publicada originalmente em tiras da *Ilustrada*, de 20 a 26 de fevereiro de 1965. Embora tenha sido completamente redesenhada, o texto sofreu pouquíssimas alterações para o gibi.

....

Uma história memorável daqueles tempos é *Quem bate?*. Tão boa, que também foi adaptada para animação em 1987, com o título *Quero entrar*, e fez parte do longa-metragem *O Bicho-Papão e outras histórias*.

Foi a primeira vez que os leitores tiveram a chance de ver o pai de um personagem como protagonista, no gibi da Abril.

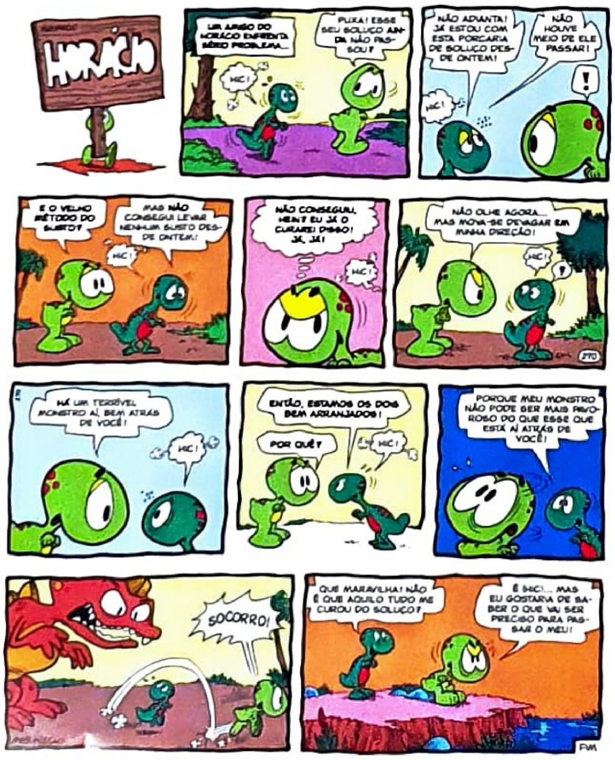
O diálogo do início entre o Seu Cebola e o filho ("Quem bate?"; "É o frio!") vem de uma propaganda de televisão da época, das Casas Pernambucanas. Era Mauricio sempre atento ao que acontecia na sociedade, para gerar elementos de identificação e referência para o seu público leitor.

Este é mais um exemplo de como é possível criar uma história de cinco páginas adaptando uma única tira, que foi publicada em 13 de janeiro de 1968. Mauricio decidiu dar continuidade ao roteiro ao perceber que tinha potencial para fazer parte da revista da Mônica. Aí, incluiu toda a parte da polícia, bombeiros e prisão.

A grande curiosidade da aventura do Horácio foi corrigida na *Coleção Histórica*, da Panini, e também nesta reedição. Mas, na época de sua primeira publicação, misteriosamente, o Horácio saiu... azul. Na verdade, foi uma falha de impressão, mas alguns leitores podem ter achado que tinha sido alguma alfacinha estragada.

Originalmente, esta história saiu com um tabloide publicado na *Folhinha de S.Paulo*, em 3 de novembro de 1968. Veja abaixo.

O Tecodonte, que contracena com Horácio na aventura e logo se tornaria o seu melhor amigo, também estreou na *Folhinha*, em 24 de maio de 1964. Na época, as manchas no seu dorso ainda não eram vermelhas, como ficariam depois. Ele tinha o aspecto de um lagarto e seu nome é um termo científico que designa os pré-dinossauros, que viveram entre os períodos Permiano e Triássico.



No começo dos anos 1970, o Papa-Capim saía em tabloides que eram publicados em jornais. Essas pequenas aventuras, quando adaptadas para a revista da Mônica, não sofriam modificações, apenas ganhavam cores. Justamente por isso essas primeiras histórias do personagem têm apenas uma página.

A primeira tira (vertical; veja-a à esquerda) do Papa-Capim saiu na edição de estreia da *Folhinha*, em 8 de setembro de 1963, que também trouxe as primeiras histórias protagonizadas por Raposão e Horácio.

Com um desenho bem diferente do atual, o pequeno indígena já contava com a presença do seu grande amigo Cafuné. Na época, ele parecia mais um indígena adulto, algo que o autor mudou rapidamente.

Mas, antes de ter sua tira própria, ele apareceu em uma aventura de Hiroshi e Zezinho (hoje, Hiro e Zé da Roça) na revista *Coopercotia*, em abril de 1962. Nela, o personagem se apresenta como o guerreiro Papa-Capim-Mimoso, da aldeia dos Siriris. Gordinho, atarracado e com cabelos sobre os olhos, pouco lembra o personagem atual.

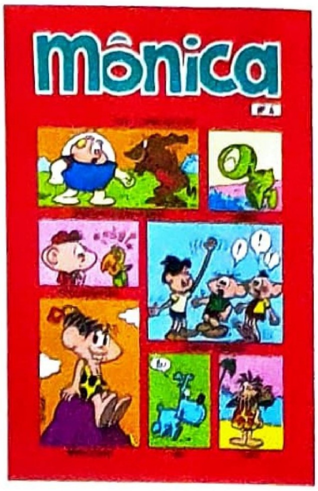
Era impossível não relacionar o Astronauta aos famosos heróis espaciais dos quadrinhos Flash Gordon, de Alex Raymond, e Buck Rogers, de Philip Francis Nowlan e Dick Calkins. Isso fazia com que muitos pais adoradores de ficção científica o considerassem seu personagem preferido.

Longe das polêmicas e subjetivas aventuras anteriores, em *Os ladrões de gelo*, ele apenas ajuda um planetinha que precisa de muito gelo. A solução pra lá de inusitada e um mártir com planos ambiciosos finalizam a edição com aquela pitada de "moral da história".

Na parte em que entrou o agradecimento de Mauricio a todos os profissionais do estúdio, originalmente havia uma propaganda de rodapé, algo bastante comum na época.

Neste número, a Mônica estrelou outra propaganda da Cica – desta vez, da marmelada branca. Em mais uma história envolvendo espelhos, não é que a dentucinha foi tapeada pelo seu próprio reflexo?

Mônica # 6 (outubro de 1970)



Esta edição entra na lista das inesquecíveis não apenas pelas histórias clássicas, mas também pela capa. Pela primeira vez, não houve uma piadinha ou uma situação envolvendo a Mônica, Jotalhão ou alguém da Turminha.

Em vez disso, Mauricio preferiu apresentar um "menu" do que o leitor encontraria no gibi, lembrando um pouco os almanaques de outros personagens que eram tão comuns na época.

A ermitã integra o time "clássico dos clássicos" no estilo mauriciano de contar histórias. O quadrinho sem texto na abertura é quase uma capa para a aventura, uma sugestão do que viria nas páginas a seguir.

Assim como nas edições anteriores, a cena faz referência à trama, mas com a liberdade de sair da situação e "viajar" um pouquinho mais. Afinal, a Mônica não foi para o topo de uma montanha, tampouco encontrou um bode lá em cima. Agora, imagine qual criança brasileira naquela primavera de 1970 não arregalou os olhos quando a viu com um jeitão todo *hippie*, sentada daquele jeito.

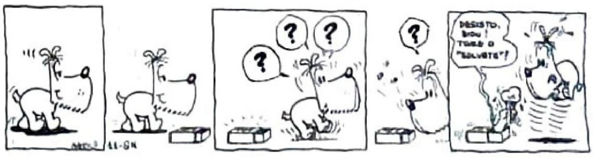
Numa história deliciosa e inesquecível, em que quase todos os personagens participam (inclusive Franjinha, Anjinho e Bidu) e com reviravoltas muito interessantes, há pelo menos um pequeno acontecimento que o tempo modificou. Hoje, sabe-se que a Turminha nasceu e cresceu no bairro do Limoeiro, mas aqui é contado que a Mônica mudou-se para lá, quando o resto dos seus amiguinhos já vivia no local.

Com leves alterações, *A ermitã* foi lançada como desenho animado, no final de 1982. Com outras três histórias, integrou *As aventuras da Turma da Mônica*. Distribuído pela Embrafilme, teve direção do próprio Mauricio de Sousa, que atuou em *live-action* entre uma história e outra.

Em 2017, este longa-metragem foi eleito pela Abracine – Associação Brasileira dos Críticos de Cinema como a 12ª melhor animação brasileira de todos os tempos, até aquele ano.

Nesta edição, o Bidu começa a colocar as patinhas de fora e o nariz onde não é chamado, numa das primeiras historinhas do seu "universo paralelo", onde os objetos têm vida.

Na falta da Dona Pedra, que não existia ainda, o cãozinho azul conversava com qualquer um que aparecesse, inclusive um esnobe palito de sorvete.



Curiosamente, o cãozinho já havia revelado ser um aficionado por sorvetes. Em várias tiras de 1961, Bidu "pedia" um, enquanto Cebolinha tentava se esquivar.

Astronauta vive uma história surreal em *O mundo de sonho*. O mais legal é que, mesmo com seus visuais horripilantes, os monstros não assustavam ninguém, justamente pela forma como eram inseridos na trama. Dessa forma, Mauricio brincava à vontade com o inexplicável absoluto.

Como já foi comentado, Mauricio sempre evitou o uso de sonhos (ou pesadelos) nas suas histórias. O velho desfecho de alguém acordando no final, consagrado no clássico dos quadrinhos *Little Nemo*, de Winsor McCay, raramente teve lugar nas aventuras da Turminha.

Por isso, as explicações "doidas" vêm de outras fontes, como magias, invenções, dimensões paralelas e por aí afora. O Astronauta bebe um pouquinho dessa fonte, pois seus pesadelos eram mais reais do que simples sonhos.

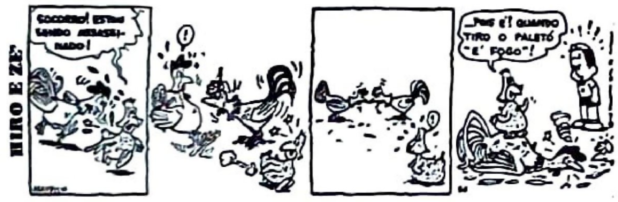
Em 1966, o personagem viveu outra aventura envolvendo o mundo dos sonhos, que foi publicada em tiras seriadas que eram distribuídas para diversos jornais do Brasil (veja acima). Embora os inícios sejam muito parecidos, trata-se de uma história distinta.

A seguir, vem um marco das HQs nacionais: mesmo fazendo só uma pontinha, uma pequena e desajeitada Tina faz a sua estreia na revista *Mônica*.

Na época, essa Tina já estava meio ultrapassada. Tanto que, nos gibis seguintes, ela apareceria maior e interagindo com o Rolo e a Pipa.

O Toneco, que deveria ser o personagem principal, logo perdeu espaço para a sua irmãzinha *hippie* e acabou na geladeira por uns bons pares de anos.

A mesma sorte não teve o Palestrino. Errado do começo ao fim, foi vencido pelo politicamente correto, pelo simples fato de ser... um papagaio. Como todos sabem, criar animais silvestres é crime.

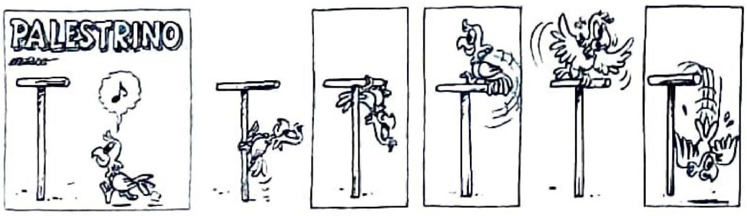


Talvez o Palestrino, cujo nome foi inspirado no Palestra Itália (primeiro nome do Palmeiras), ainda volte, com certificado de criação, número de registro e autorizado pelos órgãos responsáveis. Mas daí restaria saber por que o tal menino queria vendê-lo daquele jeito.

Esta história adapta um roteiro publicado nas tiras do Hiroshi e Zezinho, no *Diário da Noite*, a partir de 13 de abril de 1963. Nelas, é Hiro quem compra um papagaio. Mas as piadas são as mesmas. Em abril de 1964, na revista *Coopercotia*, finalmente foi revelado o nome do papagaio: Patriota.

Quanto ao Palestrino, ele alcançaria alguma fama, a ponto de ganhar uma série de tiras em 1970.

Como curiosidade final, que tal esta tira antiga de Toim e Toneco, num traço ainda bastante rudimentar do próprio Mauricio?

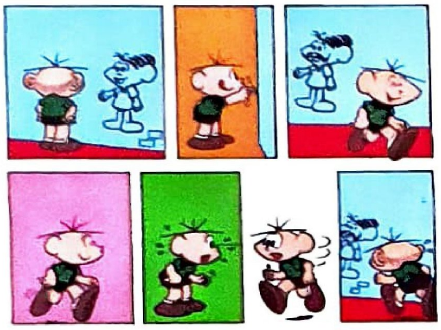


O rapto do rei é uma história do Piteco envolvendo um misterioso rei de Lem, que não dá as caras em nenhum quadrinho. Enquanto as aventuras atuais do nosso homem das cavernas envolvem caçadas e dinossauros, as antigas eram ambientadas no dia a dia da sua aldeia.

Vale a pena também se divertir procurando algumas gírias pré-históricas como "base da valentona", "que topete" e "marotos".

Esta história teve sua primeira versão publicada em 1964, no *Suplemento Juvenil* do *Diário de S. Paulo*, como um tabloide. Embora a figura do Rei de Lem estivesse presente nessas histórias iniciais, isso logo seria esquecido e um prefeito tomaria o seu lugar.

A história de apenas uma página da Mônica e do Cebolinha é perfeita para simbolizar uma das tantas coisas que os personagens da Turminha deixaram de fazer com o tempo.



Um gesto até então inocente daria o que falar com o tempo.

Na época, no Brasil, as pichações de muro do Cebolinha e Cascão eram tão comuns, que ninguém via maldade alguma nisso... até as revistas passarem a sair em países onde isso é tido até como crime.

Para evitar maus exemplos, os meninos começaram a fazer suas "obras de arte" em cartazes que eram afixados em muros e paredes. Mas os "elogios" para a dentuça (ops!) continuam os mesmos. Para infelicidade da Mônica... e deles, é claro.

Fechando a revista, mais uma clássica história 100% Mauricio de Sousa: *Mônica enfrenta o menino de borracha*. Tico, o garoto que dá nome à aventura, apareceu nesta edição, mas acabou se tornando um dos personagens "subsecundários" mais inesquecíveis.

Dá pra imaginar uma família inteira que se alimenta de... pneus? O final, então, é ainda mais inusitado.

E como no universo do Mauricio nada é tão absurdo até que se prove o contrário, o mestre não deixa um simples truque enganar ninguém. Nem mesmo os leitores. E salve o inexplicável! Afinal, a mais pura fantasia está na realidade.

Na sexta edição de sua revista, Mônica e seus amigos estrelaram outra propaganda em quadrinhos da Cica. O produto da vez foi o pêssego em calda, cuja lata era disputada numa antiga brincadeira. O anúncio, em forma de história, teve até título: *Monicaxangá*.

Mônica # 7 (novembro de 1970)

Com o sucesso, algumas novidades começaram a ser incorporadas no gibi da Mônica. Além dos passatempos, saíam pôsteres, cenários, brincadeiras – tudo em cartelas de papelão.

A edição original de *Mônica 7*, lançada em novembro de 1970, trouxe um quadrinho em três dimensões de *O piquenique de Mônica*. Era um cartão dobrável, como aqueles de Natal – veja ao lado.

Na página que trazia as instruções, tinha até uma miniatura do desenho, mas a curiosidade estava mesmo no cartão, hoje raríssimo: o Cebolinha saiu de camisa roxa!

Como era fácil de montar, esse brinde decorou o quarto da criançada de diversos estados brasileiros naquele final de ano.

Com tanto material para produzir para o então único gibi da Turminha, as centenas de tiras para jornais e muito material de *merchandising*, a **Mauricio de Sousa Produções** começou a contratar novos desenhistas, roteiristas, arte-finalistas etc.

Assim, a fase inicial, com traços grossos, estilizados, originais do Mauricio, passa a dar lugar a desenhos a nanquim, finos, cheios de detalhes e com figuras na proporção "humana". A linda página de abertura de *O sumiço do Cascão* é um exemplo disso.

Os roteiros também iniciavam um processo de mudança. O dia a dia do bairro, as aventuras imaginárias e os seres esquisitos passaram a dar lugar a histórias com o pé na "realidade". Os bandidos – sempre caricatos – eram presença constante. No tempo em que ter um amiguinho desaparecido era piada e que bandidos eram apenas personagens de noticiários e gibis.

Esta não foi a única vez em que ocorreu um sumiço do Cascão. Em uma série de tiras publicadas na *Folha de S.Paulo*, em fevereiro e março de 1976, não só a Turma do Limoeiro, mas todos os personagens do Mauricio se uniram para procurar o Cascão.

Escondido por causa de uma represa que podia estourar, ele teve seu reaparecimento comemorado com uma festa na sede do Sesc em SP, no fim de março daquele ano.

O Floquinho sempre teve um quê de mistério. Hoje, sabemos que ele é um cachorro da raça Lhasa Apso, mas nem sempre foi assim. Mais para um "nada" (quem sabe um enorme novelo de lã?) do que para um cachorro, nem sempre foi verde. Mauricio decidiu colorir todos os personagens com um jeitão chamativo quando eles pularam das tiras de jornais para os gibis e as propagandas.

Em *Um passeio com o Floquinho*, novamente é utilizado o formato de uma *gag* por página, somando cinco piadas diferentes. Estas vieram de várias tiras publicadas na *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*.

Floquinho estreou na tira publicada em 12 de fevereiro de 1963. Curiosamente, Cebolinha dizia tratar-se do cachorro de um primo dele.

No entanto, um "protótipo" do Floquinho já havia sido usado no ano anterior, na revista *Coopercotia*. Nos tabloides da edição de fevereiro de 1962, Zé da Roça diz ter um cachorro que ninguém sabe onde é a frente e a traseira, para espanto de Hiro. Felpudo (era este o seu nome) participou de algumas aventuras, mas logo foi esquecido.

Poucos sabem, mas Cebolinha chegou a ter outro animal de estimação. Tratava-se do Papagato, uma mistura de papagaio com gato. Os dois dividiram algumas tiras em fevereiro de 1963.

E, na época, os *pets* do troca-letras eram, no mínimo, estranhos: em sua segunda tira, Floquinho mia! E o Papagato, da mesma forma, apareceu dizendo "Dá o pé, Louro!".

Certa vez, durante um "recenseamento de ideias" feito entre Mauricio e o pessoal do estúdio, chegou-se ao número ideal de filhotes do Coelho Caolho: 118. Mas nem sempre foi assim, como mostra a história do Raposão, em seu novo emprego.

A versão original desta aventura marca a já citada estreia de Raposão e da Turma da Mata, publicada na primeira edição da *Folhinha*, em 8 de setembro de 1963. Agora, você confere a página inteira.

Em sete anos, os personagens já haviam sofrido uma grande transformação, razão pela qual a história teve que ser redesenhada.

Aliás, em histórias posteriores, Luís Caxeiro é o responsável pela tarefa do recenseamento. Nas tiras seriadas iniciadas em 15 de outubro de 1967 (veja acima), na *Ilustrada*, ele constata que o Coelho Caolho está provocando superpopulação na mata. Por isso, o Rei Leonino decide exilá-lo como medida de segurança. Claro que a medida durou apenas uma história.

Nunca a língua do Cebolinha e o seu dono foram tão maltratados como em *A língua do Cebolinha*. O Louco ainda não havia surgido em 1970, mas foram histórias absurdas como esta que fizeram aparecer um protagonista à altura. Ou terá sido o contrário?

Este é outro roteiro adaptado de tiras. A versão original foi publicada na *Folha de S.Paulo*, no dia 8 de novembro de 1967.

Não era só o Cebolinha que bolava planos infalíveis. Como se vê em *O finado Piteco*, eles existiam desde a Pré-História, principalmente quando envolviam... casamento. A Thuga até hoje não se conforma por não ter conseguido fisgar o Australopiteco mais cobiçado da aldeia de Lem.

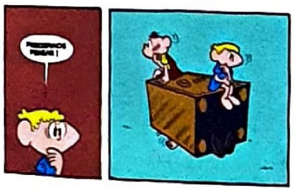
Muitas das "traçonovelas" do Piteco foram adaptadas de antigos tabloides. Publicadas em série nos jornais, ganharam novos desenhos e cores. Até ali, vale reforçar, as roupas de Piteco e Thuga eram quase iguais!

Assim como alguns termos, certos personagens foram esquecidos, como o esquisito João Glutão, um homenzinho das cavernas que vivia comendo. Seria ele um antepassado da Magali?

....

Na *Folha de S.Paulo*, Thuga estreou um dia depois do Piteco, em 10 de maio de 1961. No ano seguinte, a turma de Lem migrou para a *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro. Em 1965, suas tiras seriam publicadas no *Diário de S. Paulo* e logo alcançariam outros jornais. E o quase casal das cavernas se manteve em constante evolução.

....



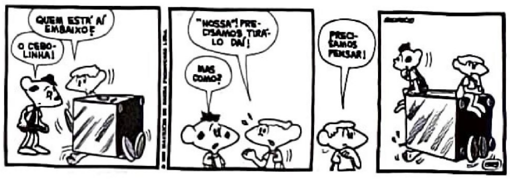
Em *O cofre*, finalmente o coadjuvante mais amado do Brasil estreia uma história fazendo dupla com o Cascão. Xaveco (ainda chamado de Chaveco) aparece aqui com sua "bata" pintada de azul – um detalhe que mantivemos, porque na época, possivelmente, a cor de sua roupa ainda não estava definida.

Só alguns anos depois, o Xaveco pediu para alguém fazer a bainha de sua bata, revelando a bermuda por baixo.

Na história, o cofre que cai do céu é responsável pelo segundo "massacre" ao Cebolinha na edição. Este gibi não foi dos melhores para o nosso amigo troca-letras.

....

E a historia é uma adaptação de uma sequência de tiras publicadas na *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*, de 19 a 27 de dezembro de 1967.



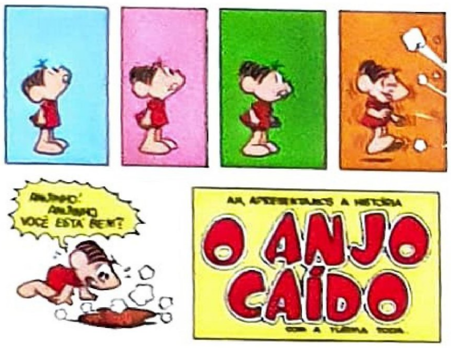
....

O Xaveco surgiu, em 26 de junho de 1963, na *Ilustrada*, como um garotinho que era zoado por todos. Como outros personagens, não teve seu nome revelado em suas primeiras aparições, sendo batizado depois.

No entanto, antes da sua estreia oficial, um certo garoto aparece numa história do Franjinha na revista do *Bidu 3*, da Editora Continental, de 1960. Ele se passa por cupido, e é impossível não lembrar do Xaveco, por causa do cabelo e da camisa grande.

Viagem ao Japão é uma daquelas histórias que parece que vai render uma longa aventura, mas acaba na terceira página. Com o estilo do desenho anterior ao ano do gibi, Cebolinha e Cascão inventam de fazer um buraco para chegar ao Japão, mesmo dizendo, no quinto quadrinho da página de abertura, que eles vão à China!

A confusão geográfica pode ter explicação no fato de ela ter sido readaptada para o gibi da Mônica. Mas com uma grande transformação. Em sua primeira versão, de 1960, publicada na revista *Bidu* 4, da Continental, era o Franjinha que fazia dupla com Cebolinha. Além da substituição do personagem, o título também foi mudado. No original, era *Viagem à China*.



Uma das grandes qualidades artísticas de Mauricio de Sousa sempre foi brincar com o leitor. E este, por sua vez, quase como um integrante da história, em muitas oportunidades se via num exercício de imaginação e curiosidade.

Indo pela tendência de que o óbvio não precisa ser mostrado, *O anjo caído* é uma aventura do Anjinho em que ele não é visto uma vez sequer. Nenhum cachinho de seu cabelo, peninha de suas asas ou balão de sua voz angelical aparece.

Na tentativa de fazer o personagem levantar voo, Mauricio transforma esta aventura angustiante num dos clássicos daquela época.

No início dos anos 1960, o autor criava personagens cujas características e perfis serviam para fazer piadas. Isso rendia algumas tiras, até que o tema – e o próprio personagem – se esgotasse. Anjinho foi um desses. Só que, devido ao seu carisma, ganhou força e segue brilhando até hoje.

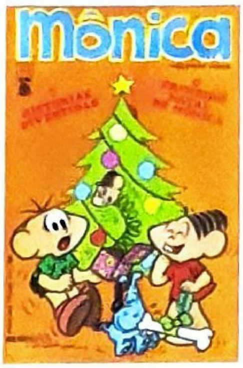
Anjinho surgiu numa tira de 14 de maio de 1964, na *Folha de S.Paulo*, como um menino desconhecido que diz ter sido expulso de casa.

O mistério é resolvido na tira do dia seguinte, na qual ele solta suas asinhas e revela ser um anjo.

No *merchandising*, as criações seguiam ganhando espaço. Nesta edição saíram duas propagandas com os personagens. A primeira foi *A festinha da Mônica*, do suco de uva da Cica, com mais uma participação do Nico Demo, que, curiosamente, aparece de roupa azul em vez da tradicional preta.

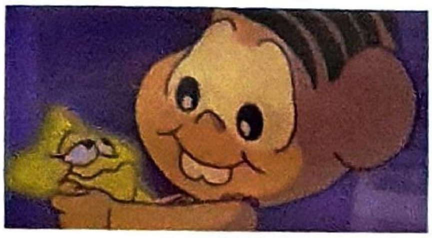
O segundo anúncio (já apresentado nos comentários sobre o quarto número da revista) foi o da primeira boneca da Mônica, da Trol.

Mônica # 8 (dezembro de 1970)



Lançado em dezembro de 1970, o gibi da Mônica chegou ao fim do ano em ritmo de muita festa. Sucesso absoluto, a *Turminha* comemorou o seu primeiro Natal com direito a chamada e capa alusiva ao tema.

Além disso, esta edição representou outro marco: encerrou uma década e abriu outra. E com os anos 1970 muita coisa boa estava por vir para Mônica, Cebolinha e seus amigos. E para o Mauricio também!

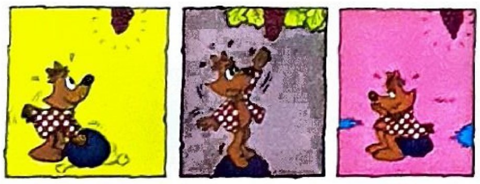


A estrelinha perdida é a historinha que originou o desenho animado *A estrelinha mágica*, lançado em 1988 em VHS pela Embrafilmes. Com uma mudança de roteiro aqui e ali, o tema é o mesmo. Uma estrelinha cai na Terra na época do Natal e a criançada a ajuda a retornar ao céu.

Se o desenho animado, que se tornou um dos preferidos dos fãs de várias gerações, assume uma linguagem fácil (um acidente serve como desculpa para a queda de nossa amiguinha e até o Papai Noel auxilia no seu retorno pra "casa"), na revistinha tudo é mais obscuro. E intrigante.

A estrelinha fez tanto sucesso que teve seu próprio brinquedo na década de 1980. Lançada pela Tectoy, a figura fez enorme sucesso entre os pequenos. Segurando-a com firmeza, uma luz interna brilhava enquanto produzia um "som mágico".

Em 2013, na comemoração do cinquentenário da Mônica, o brinquedo foi relançado pela Grow.



Em *Raposão e as uvas*, Mauricio mostra a sua versão da fábula *A raposa e as uvas*, utilizando um dos principais personagens da Turma da Mata. Enquanto na história original de Esopo a raposa se contentava em dizer "estão verdes" (mesmo de barriga vazia), quando não alcançava as uvas, nesta, o insistente Raposão descobre isso da pior maneira possível.

Aliás, o Raposão iria revisitar essa fábula algumas vezes nos anos seguintes.

Mais um daqueles manuais do estilo "faça você mesmo" ou "aprenda em dez lições" cai nas mãos da *Turminha*. Em *Um cão Cascão*, no entanto, não é de ventriloquismo nem de mágica. Então, Mônica decide hipnotizar alguém da Turma e, como sempre, algo dá muito errado.

De absurdo, há a dica do vendedor de livros: para ser um bom hipnotizador, basta ser inteligente! A história utiliza o formato consagrado na época, de cada página fechar uma sequência com um final engraçadinho.

E aqui o Xaveco parece ter abandonado sua bata (ou camisão) de vez. Nas duas histórias em que ele dá as caras, já aparece de calção amarelo.

Esta historia segue um conceito semelhante ao utilizado na já citada *O cachorro falante* (*Mônica #* 1), na qual Marko, o mágico, troca de personalidade com o Bidu.

Horácio e os Napões é um clássico mauriciano, pois marca a estreia (nos gibis) dos Napões. Essas simpáticas e curiosas criaturas não deixaram nenhum rastro, fóssil ou pista de que tenham existido.

No entanto, como na fantasia dos quadrinhos vale tudo, Mauricio escreve e desenha essa sátira à sociedade da época e o perigo que representava cair na mesmice do dia a dia, carente de aventuras ou emoções. E a mensagem continua mais atual do que nunca.

Os serezinhos narigudos reapareceriam várias vezes, quase sempre já amigos do Horácio, que, coitado, passou poucas e boas nas mãos deles. Um erro da publicação original foi mantido aqui: na décima página, houve uma inversão de cores. O Horácio saiu amarronzado e os Napões, verdes.

Os Napões surgiram na *Folhinha*, em 23 de fevereiro de 1964. Embora um pouco diferentes nessa primeira versão, os narigões já eram a sua principal característica. E, poucos dias antes da estreia dos personagens nas tiras do Horácio, Mauricio aguçou a curiosidade dos leitores com pequenos anúncios nas capas da *Folha de S.Paulo*. Quem seriam os Napões?

O criminoso no local do crime

Mais um exemplo do estilo mauriciano: ainda nos anos 1960, ao fazer uma caricatura de um amigo na página de divertimentos da *Folhinha*, o autor utiliza um traço semelhante ao que caracterizaria os Napões.

Quase 65 milhões de anos separam os dinossauros dos mamutes. Apesar de "Horácios" e "Antões" nunca terem se encontrado realmente, o nosso amiguinho verde era cercado por animais de todas as eras, inclusive de outras dimensões.

Na história de uma página desta edição, um parente do Antão o ajuda a se livrar de uma sujeira daquelas. E com um toque de modernidade, ao mencionar o "chuveirinho".

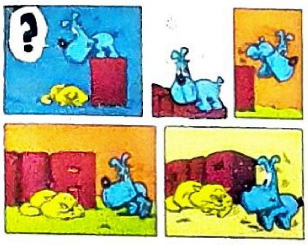
Mauricio de Sousa sempre pensou em criar uma personagem que acompanhasse as transformações do mundo e que não ficasse presa a uma geração. Foi assim que surgiu a Tina. Sua estreia foi em 15 de fevereiro de 1970, na capa da *Folhinha* # 337.

Ela e Toneco, seu irmão, ganhavam uma Turma novinha em folha – hoje, só Tina, Toneco e Vovoca continuam na ativa. Várias tiras foram produzidas, com destaque ao já citado papagaio Palestrino. Tendo como base o conflito de gerações, outro personagem precisou ser criado: o pai da Tina, que já sofria desde aqueles tempos.

Se hoje ele se preocupa com o tempo que ela fica ao telefone, ao celular ou no computador, naquela época se "grilava" com os interesses mais "paz e amor" de sua filha. Assim surgiu a menina rebelde, mas com certa inocência, que falava as gírias dos *hippies* e da patota "prafrentex".

O Papa-Capim faz sua segunda aparição nos gibis da Mônica. E, desta vez, vem acompanhado da sua onça de estimação, a Guatira.

A simpática felina já havia aparecido antes em tabloides publicados em alguns jornais. Confira à direita a mesma história em veículos diferentes: a *Folhinha de S.Paulo* e o *Diário Juvenil*, de Ribeirão Preto/SP.



Bidu já usava a metalinguagem havia um bom tempo em suas tiras. Mas, nos gibis, esta foi uma das primeiras histórias a utilizar esse artifício: repare no cãozinho descansando sobre o título, no primeiro quadrinho.

A HQ traz também, embora bem diferente, a figura do Gato, um bichano sem nome, no papel de antagonista do Bidu. Pouca gente sabe, mas ele foi um dos primeiros personagens de Mauricio. Nas tiras iniciais do Bidu, vivia implicando com ele ou qualquer um que aparecesse no seu caminho.

Um enredo semelhante é abordado na história *Os complexos do Bidu!* (à direita), que saiu na revista *Bidu # 1*, da Continental, em 1960.

O mesmo acontece em uma tira posterior, publicada na *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*, em 21 de março de 1967.

O anãozinho preguiçoso foi feita especialmente para o gibi. Escrita e desenhada por Mauricio, mistura universos dos bichos da mata com a tradição do Papai Noel.

Vale notar como o autor usa e abusa no significado das cavernas em seu universo. Nessa fase clássica, quase tudo que acontecia de mais absurdo e extraordinário vinha de uma delas.

Aventuras do Piteco, Astronauta, Chico Bento, Horácio e até da Mônica usavam cavernas como moradia de seres esquisitos, animais fantásticos, coisas do outro mundo ou até a fábrica do Papai Noel, fugindo do Polo Norte.

Se em Mogi das Cruzes, onde Mauricio passou a infância, havia cavernas, só ele sabe. Mas é nelas que o criador simboliza todos os nossos sonhos, o lugar secreto, criativo, cheio de lembranças, emoções... a nossa imaginação.

Feliz do adulto que se mantém criança visitando as cavernas que tantos já esqueceram.

Continuando o resgate das propagandas da época, mais uma "pérola" da Cica: o tomate pelado em conserva. O Nico Demo faz mais uma participação especial ao lado da *Turminha*, sempre com seu jeito malicioso.

Com Cebolinha, Bidu e Magali, ele mais uma vez fala (algo que não acontecia em suas histórias): "O molho também é pelado, é?".

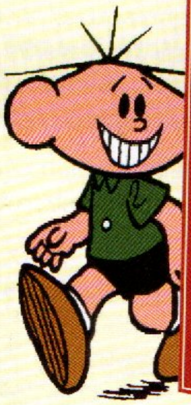
Nesta edição também foi publicado novamente o já apresentado anúncio da boneca Mônica, da Trol.

VOLUMES DA COLEÇÃO

Mônica – Vol. 1: 1970

PRÓXIMOS VOLUMES

Mônica – Vol. 2: 1971
Mônica – Vol. 3: 1972



Biblioteca Mauricio de Sousa

E tudo começou em 1970! Foi neste ano que Mônica ganhou sua revista pela Editora Abril. E o resto é uma história que vem sendo (bem) contada desde então.

Na *Biblioteca Mauricio de Sousa,* você conferirá a trajetória dos gibis da *Turminha* ano a ano, numa fantástica experiência para relembrar – ou conhecer – a evolução dos personagens.

Neste primeiro volume, diversas histórias foram escritas e desenhadas pelo próprio Mauricio, e se tornaram verdadeiros clássicos. Além disso, há uma seção recheada de informações e curiosidades.

Prepare-se para uma inesquecível viagem no tempo, com paradas no espaço, em matas e cemitérios, na Pré-História, na Vila Abobrinha e, claro, no bairro do Limoeiro!

Mauricio de Sousa Editora
Panini Comics
ISBN 978-65-5982-088-7
ACHTM001R
Aconselhável para maiores de 14 anos

1

mônica 1970

Biblioteca Mauricio de Sousa